

ANO III N.º 155  
4  
MAIO  
1944  
PREÇO AVULSO  
ESC. 1\$50

Ortografia  
-0. NOV. 1998

# O NOSSO SENSACIONAL CONCURSO "QUAL A VEDETA MAIS POPULAR DA NOSSA RADIO"?

Foi prorogado por mais oito dias o prazo para a entrega dos cupões da última etapa. Portanto, pode fazer ganhar ainda a sua artista favorita!

Envie o seu voto! O voto da vitória!



**VIDA  
MUNDIAL**

*Ada Lutfman, a primeira figura feminina do novo filme português «O Violino de João», que se estreia brevemente no «Tivoli». (Distribuição «Exclusivos Triunfo»).*

# ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



# DO MUNDO

## A concepção do bloqueio

**D**E um modo geral — tudo por um instante pareceu acalmar-se. Os russos detiveram-se alguns dias de frente dos Cárpatos; para o sul, mais ou menos, ao longo do curso do Dniester; para o norte, mais ou menos também, ao longo das antigas fronteiras dos Estados do oriente europeu. Da Itália, durante alguns dias, a jornais portugueses não chegou telegrama que valesse a pena ver-se publicado, fixados os exércitos antagonistas desde Ortona, no Adriático, onde o 8.º exército parou ainda sob o comando de Montgomery, até à linha do Guarigliano, a desembocar no Tirreno, com passagem por Cassino, onde as sucessivas batalhas, tremendas e custosas durante meses, tiveram também suspensão, talvez porque os contendores concluísem que por uma simples posição não valia a pena tanto esforço — mais valendo integrar o objectivo no conjunto de uma acção mais larga a desenvolver em altura própria. E o mesmo na «teta de ponte» ao sul de Roma, entre Anzio e Nettuno. Na Birmânia e na China, o que se passa não chega — é preciso reconhecê-lo — para impressionar a emoção do europeu. Só na zona designada por «comando do sudeste do Pacífico» as tropas de Mac Arthur, com a esquadra do almirante Chester Nimitz, vão saltando de ilha em ilha, lançadas em acções de certa audácia e que denunciam já certo desafogo de movimentos. O bombardeamento de Samatra — este pela esquadra do comando de Cella — foi um acto aparentemente isolado e inconsequente, mas, em todo o caso, significativo de presença. A nova série de movimentos lançados na Nova Guiné é que traduz, efectivamente, uma afirmação de força e o desenvolvimento de um plano sistemático, que desafiou a Austrália da ameaça que impedia sobre o seu território, isolou e fez perder a esperança de auxílio ou de recuo ao numeroso exército com que o comando nipónico, audaciosamente, polvilhou, no arranco inicial, as ilhas dos mares do sul.

Mas a guerra com os japoneses é outra coisa... É certo que a coligação superveniente do antigo «eixo» Berlim-Roma-Tóquio procura mostrar a sua sobrevivência ao colapso italiano — e é neste quadro que tem de se incluir o encontro, anunciado de Berlim, entre Hitler e Mussolini. Mas, em boa verdade, os inimigos das Nações Unidas são polarizados, diametralmente, separadamente, na Alemanha e no Japão. Não há maneira de os reunir numa frente de batalha comum — pois que o vago e disperso aparecimento de submarinos alemães no Índico está longe de servir para documentar uma hipótese que a realidade geográfica não deixa prevaler. Pode dizer-se, pois, que a Alemanha tem, de um lado, os russos, do outro, os anglo-americanos, com interesse principal dos primeiros; ao passo que o Japão — que continua em regime de relações diplomáticas com a Rússia, à qual cedeu, recentemente, os seus direitos na Sakalina — tem de se haver apenas com os anglo-americanos, particularmente com estes últimos.

Roosevelt e Churchill, um com o outro ou os dois com Chang-Kai-Shek têm procurado, nos seus encontros, concertar a unidade de acção nos diferentes teatros da guerra. Mas é fora de dúvida que, em Londres, se pensa que a derrota alemã poderá arrastar a queda do Japão, sem que a recíproca assuma o mesmo grau de possibilidade. Portanto, quanto aos ingleses, manifestamente a ordem é: todo o esforço na Europa.

J. R. S.

## NORTE DE AFRICA

### PELA PAIXÃO MAIS NOBRE

«Marie Alphonsine, motorista de 2.ª classe, Nième Bataillon Medical, condutora de automóveis do corpo de ambulâncias, animada do mais alto espírito de dever e de uma dedicação admirável. Voluntária para ir em busca de feridos num posto de socorros regimentais, num sector muito exposto ao perigo, encontrou morte gloriosa a 5 de Fevereiro de 1944, no caminho de Saint-Elia a Terelle, em cumprimento de uma missão perigosa. Surpreendida por um bombardeamento, foi atingida mortalmente, no momento em que se esforçava por abrigar os feridos que transportava no seu carro. Deu, assim, um magnífico exemplo de coragem e abnegação».

Foi esta a citação lida, numa das últimas semanas, pelo chefe do Corpo Expedicionário Francês, general Juin, no fim da cerimónia religiosa que se efectuou, num domingo, numa igreja francesa de Campana, muito junto da frente de batalha. Depois, o general Juin colocou a medalha militar e a Cruz de Guerra com palma, sobre a bandeira tricolor que cobria o féretro da motorista:

«Marie-Alphonsine Loretli, morta no seu posto aos 28 anos, sem nunca ter dado a morte».

Assim morreram as mulheres francesas pela França...



## YUGOSLÁVIA VOANDO PARA O SEU NAMORADO

**T**EM 23 anos, nasceu depois de seu pai, o rei Alexandre da Grécia ter falecido e é filha de uma das mais lindas mulheres gregas: Aspasia Milo, cujo pai foi coronel da guarda-real. A história deste casamento teve, aliás, alguma coisa de dramático, pois a princesa Aspasia, que fora criada de pequenina no palácio de seu futuro esposo e senhor, não foi feliz com o casamento, se nos lembrarmos de que, alguns meses depois do matrimónio, quando os noivos visitavam um Jardim Zoológico privativo dos reis — Alexandre foi mordido na mão por um macaco, para morrer três dias depois. Seis meses após, nascia a princesa Alexandra — essa graciosa mulher que se casou com o rei Pedro da Iugoslávia.

Em 1923, a família real retoma o caminho do exílio e Aspasia e a filha, depois de alguns anos em Florença, vão para Venéza, onde compram uma vivenda cercada de flores. Alexandra tinha, então, 16 anos e um desejo enorme de conhecer Paris.

É a própria futura rainha da Iugoslávia que escreve: «Conhecer Paris encantava-me e eu passava o tempo a visitar museus e a ouvir música. Gostava também dos divertimentos mas no inverno preferia fazer «ski» e «stobogan» em Saint Moritz. Depois, quando chegava a Primavera, regressávamos à nossa querida «home» de Venéza».

Quando a guerra estalou em 1939, a princesa Aspasia e a sua filha mudaram de Venéza para Roma, onde só saíram quando a Itália atacou a Grécia — isto é, em 28 de Outubro de 1940. Porque, então, deixaram a Itália e regressaram à pátria, em companhia do ministro da Grécia em Itália, para trabalharem ambas na Cruz Vermelha Grega.

Mas, um dia, de repente, Alexandra encontrou um bilhete em casa, lacónico e do punho do marechal da corte: «preparai-vos para sair dentro de um quarto de hora. Partireis imediatamente. Os alemães estão às nossas portas».

Mãe e filha tomaram à pressa um avião que as esperava no aeródromo e, pouco depois, aterravam em Creta — tempo de tomarem um refúgio, porque os aviões alemães já estavam a bombardear a ilha. Passaram, então, uma semana numa casa de camponeses, disfarçada na floresta — mas um novo alerta só: os paraquedistas descem em Creta. E de novo vem a fuga precipitada, pelo espaço, a caminho do Cairo. Ali, a princesa Alexandra esquece as suas dores passadas: toda se devota ao



tratamento de oficiais e soldados britânicos. Simplesmente, não está ali ainda o fim da sua aventura. Desce de avião até ao Cabo e inicia dali a perigosa viagem, por mar, a caminho de Inglaterra, onde ingressa na Cruz Vermelha Grega.

Entretanto, o seu romance de amor principia. Alexandra e o rei Pedro da Iugoslávia amam-se e pensam que poderão esperar pelo fim da guerra para realizar o seu sonho de amor. Mas, depois, mudam de ideias... Quando acabará a guerra?

O melhor é aproveitar a possibilidade imediata de estarem juntos... Ela já estudou a língua e a história do país que passará a ser o seu — e resolveu casar. Quando lhe perguntaram o que pensava a respeito das inglesas e da Inglaterra, respondeu:

«Gosto muito da Inglaterra, mas tenho a impressão de que as inglesas não demonstram bastante amor por seus maridos ou, então, elas escondem as suas emoções de tal modo, que eu me pergunto se os seus sentimentos serão tão profundos como os das mulheres do meu país».

Assim se exprime a princesa Alexandra, rainha da Iugoslávia — esposa de um rei cujo trono oscila entre as mãos dos partidários de Tito e dos membros do gabinete Pwlich...

## INGLATERRA QUANTO CUSTA UM BOMBARDEAMENTO?

**O**S quadrimotores da R. A. F. — «Halifax», «Lancaster» e «Stirling» — dispõem de um poder de cerca de 6 mil cavalos, com seus quatro motores de 15 a 1.700 H. P. cada um.

Admitamos um consumo de 200 gramas por cavalo-hora e teremos, por hora, um consumo médio de 12000 Kgs.

Para uma viagem de 2 mil quilómetros, são, portanto, necessários 4.800 Kgs. de gasolina — e é quanta, na verdade, é metida nos reservatórios de cada avião.

Se houver 400 aviões numa expedição, o consumo total de essência será de 2 milhões e quatrocentos mil libras — para não dizer 2.400 toneladas ou 120 vagões de 20 toneladas ou, ainda, um comboio sobre «rails» de 1.800 metros de comprimento...

Para mais, estes bombardeamentos em massa absorvem ainda — cada aparelho — cerca de uma tonelada de cartuchos e projecteis diversos para as metralhadoras e canhões de pequeno calibre — ou seja: 25 vagões de 20 toneladas cada ou 375 metros de um comboio.

Enfim, para um «pequeno» raid de 500 aviões, sobre um território a 1.000 quilómetros de distância, é preciso, partindo do princípio que cada aparelho leva 4 toneladas de bombas — nada menos que um comboio do caminho de ferro de 3 quilómetros, de 675 metros de comprimento, transportando 4.800 toneladas de abastecimentos diversos...

## HOLANDA UNIÃO ADUANEIRA

**N**EM todos os liames que ligavam os países foram cortados pela guerra. A amizade do Luxemburgo, da Bélgica e da Holanda mantém-se e faz por se estreitar. Assim, em 1943, foram iniciados trabalhos de importante significado e que tiveram o seu coramento em 21 de Outubro, com a assinatura de uma convenção monetária entre a Bélgica e o Luxemburgo, de um lado, e Países Baixos, de outra parte. Depois, as negociações prosseguiram, com o fim de estabelecer uma estreita colaboração económica entre a união económica belgo-luxemburguesa e a Holanda, a partir da libertação destes países.

Segundo se lê nos boletins de informações holandeses, estas negociações têm por objecto principal o estudo de uma união aduaneira, englobando os territórios metropolitanos e coloniais. Neste primeiro plano, visa-se apenas, de resto, um acordo transitório, limitado ao período de socorros, mas que hen poderá corresponder aos primeiros passos para um acordo definitivo.

Este, porém, só poderá ser concluído depois da libertação da Europa, pois os Parliamentos devem ser ouvidos sobre o caso.

Agora, é só fazer a conta, para saber o preço de um bombardeamento, partindo do princípio que, aos ingleses, pouco menos custará que 4800, cada litro de gasolina...



O exército norte-americano tinha desembarcado triunfante no Norte de África. Giraud, comandante supremo das forças civis e militares assistia, com Eisenhower, à entrega de uma remessa de material de guerra, cedido pela América, à sombra da Lei de Empréstimo e Arrendamentos. Os americanos apoiavam, como se tornou notório, a posição de Giraud.

## FRANÇA

# CONSIDERAÇÕES À VOLTA DO AFASTAMENTO DE GIRAUD

**S**EJA qual fôr o prisma porque encaremos o caso, deve reconhecer-se que o último incidente registado entre os generais Giraud e De Gaulle foi bastante desagradável, para não dizer lamentável, em virtude de se ter dado precisamente no momento em que os estatutos da Comissão Nacional Francesa tinham sido satisfatoriamente reconhecidos e consideravelmente melhorados pelas declarações de Cordell Hull.

Houve mesmo quem considerasse o decreto do general De Gaulle, que abolia o cargo de Giraud, como comandante-chefe, inoportuno. Qualquer observador, por muito afastado que esteja dos acontecimentos, terá dificuldade em concordar que o posto de comandante-chefe se tornara «supérfluo».

Tal impressão pode derivar do facto de em Novembro do ano passado se ter advogado em favor da existência deste cargo que era necessária a separação dos assuntos militares das questões políticas. Ora, a verdade é que, pelo menos aparentemente, nada indica que esta condição tenha deixado de existir.

Delixemos, porém, estas considerações e apreçiemos o desenvolvimento do embate entre as opiniões militares dos dois chefes franceses, salientando-se, desde já este ponto irrefutável: bem ou mal, o general Giraud ficou impossibilitado de prestar à sua Pátria, os serviços a que, desinteressadamente, se propusera quando, em Novembro de 1942, desembarcou no Norte de África.

A questúncula principiou a ser conhecida quando a Comissão Nacional de Libertação de Argel fez publicar, no dia 9 de Abril, o texto do decreto que nomeava Giraud inspector-geral dos exércitos franceses, assim como uma carta de De Gaulle para este.

Nessa carta afirmava-se que numa reunião efectuada na manhã anterior, o general De Gaulle explicara a Giraud os motivos que levavam a Comissão Nacional de Libertação a concluir que em vista da presente organização do alto-comando interallado para a condução das operações, e em vista da necessidade de, num futuro próximo, colocar, em plano governamental, a responsabilidade das principais decisões referentes à organização e uso das nossas forças, era oportuno emendicar e especificar as nossas funções.

O general De Gaulle acrescentava ainda que ao associar o general Giraud a todas as decisões referentes à organização das forças francesas de terra, mar e ar, e ao permiti-lhe que continuasse em contacto com essas forças, o Governo desejava exprimir a sua confiança no General Giraud, a sua intenção de continuar a utilizar os seus serviços e

a sua gratidão pelo que ele fizera como comandante-chefe.

As novas funções, atribuídas a Giraud, segundo a letra do decreto oficial, eram as seguintes:

1.º—Seria o conselheiro militar do governo francês.

2.º—Desempenharia as missões que o presidente da comissão e chefe das forças armadas o encarregasse.

3.º—Seria membro da Comissão de Defesa Nacional.

4.º—Teria de ser consultado em todas as questões gerais respeitantes à organização e emprego das forças de terra, mar e ar, assim como à promoção de oficiais e às nomeações do Alto-Comando.

Dois dias depois, isto é, a 11 do corrente, a situação do general Gi-

raud, que se fechara durante esses dois dias num mutismo indecifrável, esclareceu-se com uma recusa formal: não aceitaria o novo cargo de inspector-geral das forças armadas francesas.

A carta de recusa de Giraud parece que não chegou a ser publicada, mas o seu conteúdo é conhecido e foi divulgado. O general declarava que o posto de inspector-geral era mais ou menos honorário e desnecessário em tempo de guerra.

Em contra-partida, acrescentava que o cargo de comandante-chefe dos exércitos franceses era indispensável e ele sentia que tinha as qualidades referidas para o preencher.

Durante os dois dias que se seguiram, a Comissão procurou chegar a

acôrdo com o general Giraud, tanto mais que a lei de 2 de Abril, que proclamava De Gaulle, além de chefe político, comandante-chefe, não impedia que este ficasse com o encargo de dirigir os exércitos franceses em campanha. De Gaulle passava, pois, muito pura e simplesmente, a gozar a mesma posição que o Presidente Roosevelt ocupa em relação às forças armadas dos Estados Unidos.

Verificada a impossibilidade de demover o general Giraud, a Comissão de Argel resolveu na noite de 14 publicar um comunicado em que o colocava na reserva ao mesmo tempo que um porta-voz da Comissão Nacional explicou aos correspondentes de guerra que, embora tivesse perdido o seu comando, Giraud continuava na lista activa e podia dum momento para o outro ser chamado a desempenhar novo cargo, visto que a sua situação era análoga à do general Weygand, quando Paul Reynaud, primeiro-ministro da França, em 1940, o chamou para substituir o general Gamelin.

Ao ter conhecimento de tal decisão, o general Giraud teve uma atitude à qual não pôde deixar de se reconhecer dignidade e desinteresse pessoal. Referimo-nos à sua última ordem do dia como comandante-chefe dos exércitos franceses, documento em que Giraud exprime, francamente, o seu desgosto, recorda as acções militares em que tomou parte e apela, comovidamente, para que todos os homens e mulheres das forças armadas continuem a desempenhar as missões que lhes forem confiadas com um único pensamento no futuro da Pátria.

«Não é sem desgosto e comção que vos deixo depois de vos ter trazido novamente para a luta, em Novembro de 1942, depois de ter obtido na América os armamentos necessários para a libertação da Tunísia, depois de ter concentrado as esquadras que aderiram à nossa causa. Mas há apenas uma voz, a da França. Os homens passam, a França fica».

E assim terminou este episódio de rivalidade surda que teve o seu início em Vichy, com grandes esperanças para o general Giraud, mas que se transformou numa série de

logros que culminaram com o desapontamento final de saber que a libertação da França está talvez iminente sem, no entanto, nela tomar parte...

Esta é a primeira fotografia do general De Gaulle, presidente da Comissão Francesa de Libertação Nacional, depois de ter sido nomeado inspector-geral das Forças Francesas.



JOSE CORREIA RIBEIRO



## O PINTOR ANTONIO SOARES

**C**ERTO pintor dos chamados modernistas realizou uma exposição. Um dos quadros representava o poeta: sob uma mancha esbranquiçada o sol desaparecia no horizonte. No dia da abertura da exposição, encheu-se a sala onde ela se realizava e — como é da praxe — os amigos do expositor prodigalizavam-se em aplausos e cumprimentos.

— Tens, então, um quadro soberbo! — exclamou, em dada altura, um dos presentes.

— Qual? — perguntou o pintor.

E logo o outro, numa expressão de júbilo, apontando o quadro que representava o sol poente:

— Aquê, em que tu pintaste um ovo estrelado...

De facto, há por esse mundo certos pintores, chamados modernistas, cuja obra nem sempre é compreensível — para não dizer quasi nunca. Não é, felizmente, o caso de António Soares. O seu modernismo ou, melhor, a sua concepção do modernismo jamais o levaria a oferecer-nos um ovo frito — intitulando-o «Sol-poente»...

Daqui lhe dirigimos, por esta circunstância, os nossos cumprimentos respeitosos, veneradores e obrigados.

## À maneira de André Brun

Cinco horas da tarde, no Chiado.

— A pérola de Lisboa já se vê —

Passa um D. Juan, velho, alquebrado,

Mas que ainda se julga o que não é...

Vendo cruzar por êle uma mulher,  
Dezôito anos talvez, talvez nem tanto,  
Puxa o bigode e fica-se a tremer,  
Enquanto ella ri de vago espanto...

E então êle ao ver aquêlê riso,  
E que era tudo menos galantaria,  
Disse para o bigode: — «Pouco siso,  
Não fôsse ella tão velha — eu lhe diria!»

## O Marquês de Pombal e os garfos

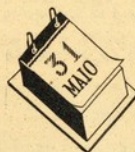
**R**ELI, há dias, o volume que Camilo Castelo Branco escreveu acerca do célebre ministro de D. José. Como sabem, neste volume o perfil de Sebastião de Carvalho recorta-se sobre um fundo que está infinitamente longe de ser optimista. As duzentas e tantas páginas d'êste livro são, no fundo, um tremendo libelo contra o homem — e contra a sua obra. Nem sempre a justiça — temos de confessá-lo — inspirou Camilo ao escrever estas páginas; mas seria injusto não reconhecer o desassombro com que o escritor expressa as suas opiniões. O autor do «Amor de Perdição» — tão notável romancista como panfletário — não poupa, de facto, o Marquês de Pombal. Disseca o homem e contesta a obra. Nenhum aspecto da sua personalidade ou da sua acção fica por encerrar e por julgar. Para se ver a escrupulosa, e, até certo ponto, tendenciosa minúcia com que Camilo analisa o célebre ministro, basta dizer-se que há no volume um capítulo intitulado «Pombal e os garfos». Neste capítulo o romancista compraz-se em contestar a Pombal — imaginem o quê? — a paternidade da introdução dos garfos em Portugal. Na verdade, nas «Memórias do Marquês» escritas por John Smith diz-se que Sebastião José foi a primeira pessoa que introduziu, entre nós, êste utensílio de mesa, que trouxe de Inglaterra, quando recolheu da corte de S. James, em 1745. Contra esta afirmação se insurge Camilo. «Se isto assim fôsse — clama violentamente o romancista — um jantar de mesa redonda, em Portugal, antes de 1745, seria uma grande pia de cevadão!...» E fazendo larga cópia de citações, chega à conclusão de que o uso dos garfos remonta, entre nós, ao século XII — querêr dizer a seis séculos antes do consulado pombalino.

Não possuimos elementos para contestar a opinião de Camilo, mas se, na verdade, é como êle afirma, temos porventura de reconhecer que mais valia, para a gloriosa memória do marquês, êle ter introduzido os garfos em Portugal — do que ter reconstruído a cidade de Lisboa!



MAIO

cipio, admirável! Só receamos que Antero do Quental passe a chamar-se — Antero do Jardim!



— Qual é o mês mais pequeno do ano?

— Fevereiro! — dirão todos.

— Pois não é. É Maio, o mês em que estamos...

Estamos a ouvir tôda a gente recalcitrar:

— Perdão... Maio é dos maiores. É dos que têm 31 dias...

E nós rimo-nos:

— Pois sim... Tem 31 dias, mas só tem 4 letras... Ora todos os outros meses do ano têm mais de quatro letras. Logo êste é o mês mais pequeno — pelo menos gramaticalmente falando!

ANTERO



Dizem-nos que a C. M. L. (trata-se das iniciais da Câmara Municipal de Lisboa e não duma possível firma teatral Couvêdo-Macedo-Loureiro) vai

promover a construção duma estátua a Antero do Quental que será colocada, ao que parece, num dos nossos jardins públicos. Em prin-

O «RÉCORD»



No concurso de vedetas da Rádio organizado pela «Vida Mundial Ilustrada» e cujo interesse é edificante, tudo leva a crer, pelo menos

neste momento, que o cantor Luís Piçarra vestirá a «camisola amarela» do mais votado pelo público. Já por aí lhe chamam o Luís Pirraça — pela pirraça que êle está fazendo às outras, aliás festejadíssimas, vedetas...

DOIS POETAS



Na «Brasileira» do Chiado, Mário Beirão para Teixeira de Pascoais:

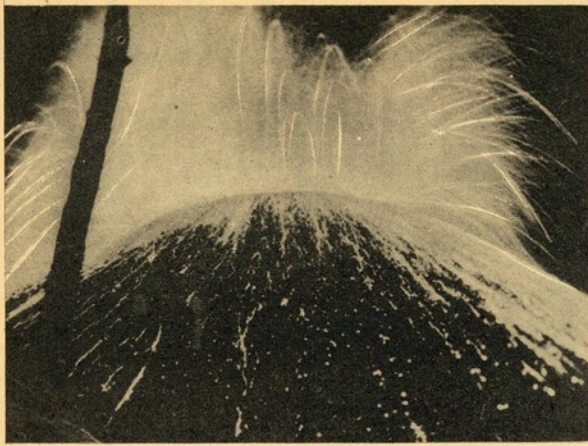
— Palavra de honra? Nunca andou de avião?

— Nunca.

— É extraordinário. Chega a ser inacreditável!

— E você, Mário?

— Eu, também não...



## NASCEU UM VULCÃO

*Fogo de artifício? De maneira alguma. Apenas uma fotografia do espetáculo impressionante do despertar dum novo vulcão que surgiu em terras mexicanas.*

*Olhai-o, como parece fascinante esse repuxo de lavas que sobem ao céu, numa apoteose de luz e de fogo...*

*E vêde, também, como é magnífico esse contraste das lavas em plena noite escura...*

*E depois disso que fica? Aldeias arrazadas, casas destruídas, lares desfeitos, corpos tombados, ilusões mortas.*

*A vida sempre é muito ingrata: a beleza é, muitas vezes, irmã-gêmea da morte...*

## Jornais elásticos...

«Algerie», um jornal que se publica no norte de África, traz-nos uma novidade sensacional: vão aparecer os jornais elásticos!

O leitor — lá como cá... — farta-se de dizer que os jornais não chegam para a publicidade, que não têm nada que ler, que é mal empregado o dinheiro gasto numa publicação que, afinal, aqui para nós que ninguém nos ouve, custa apenas uns míseros tostões e nos põe em contacto com o mundo...

Pois bem: com o aparecimento dos jornais elásticos, todas as queixas cessarão — mesmo a da gente dos jornais que clama porque o chumbo não estende nem encolhe, de modo a permitir que calba mais que certo número de colunas por página...

Enfim, o que o jornal de Argel nos anuncia é isto, simplesmente: os caracteres de impressão deixam de ser chumbo para ser «cautchouc». Quere dizer — comenta ainda o mesmo jornal — depois das idéias elásticas, dos estômagos elásticos, das «frentes» elásticas, teremos, enfim, os jornais elásticos.

A montagem das páginas torna-se, assim, muito mais fácil, e a abundância de notícias permitirá que as letras saiam em filas cerradas, bem unidas, miúdas, de caracteres microscópicos.

As letras em «cautchouc» permitirão, ainda, segundo as circunstâncias,

## O arquipélago das crianças

SEGUNDO as informações dum periódico estrangeiro, a região do mundo onde existem mais crianças é, incontestavelmente, o arquipélago das ilhas Faro.

Aí, a média anda à volta de sete filhos vivos por família e chegam a encontrar-se casais, tendo 16 ou 17 descendentes imediatos.

Eis portanto um «record» que longe de ser batido por qualquer grande potência mundial — pertence ao modesto arquipélago das ilhas Faro...

clias, de aumentar ou diminuir o tamanho de uma informação. Bastará um golpe de vista para avaliar da consideração de uma notícia. E, assim, teremos, a notícia de metro e meio, do tamanho da légua da Póvor...

E algum dia, o pacífico cidadão ficará embasbacado ao esticar o seu jornal e se lhe depare numa notícia com caracteres tão grandes, que lhe deu a medida da importância da notícia...

## COCKTAIL



## Uma Vénus nova em cada época

*Como não pode deixar de ser, a beleza também possui a sua evolução. E a que os antigos achavam magnífico, não passa para os modernos dum simples capricho...*

*Segundo os canones gregos, a Vénus ideal devia ter 1,70 de altura, 1,02 de ancas e 83 centímetros de cintura.*

*Mas, hoje em dia, essas medidas já variaram. Contudo, algumas artistas têm querido provar o equilíbrio das suas proporções, comparando-se às mais célebres Vénus mundiais.*

*E assim a encantadora vedeta Ivette Lebon tenta demonstrar, nesta foto, como a sua linha de elegância se assemelha à da remota deusa egípcia Isis, célebre no seu tempo pela distinção e pelo talhe...*

*Ontem e hoje! Belezas diferentes — mas sempre tentadoras...*

## QUESTÃO DE GOSTO

Gostos não se discutem — reza o rífico popular e é bem verdade...

Assim, vejamos estes pequenos exemplos que são magníficas provas de bom-gosto ...ou de mau-gosto.

Nas Antilhas, os homens de cor comem as larvas dum gorgulho parasita das palmeiras.

Em certas regiões da Colômbia, há um prato muito apreciado, o qual consiste em formigas assadas.

Os árabes do sul da Argélia e de Marrocos possuem um *hors-d'œuvre* favorito: salmoneite arranjado com arroz, ervas e vinagre.

Entre as raças amarelas, consideram-se manjares excepcionais certos pastéis fabricados com terras argilosas, finamente limpas, pulverizadas e cozidas sobre um fogo de carvão numa caçarola de ferro.

Na África Central, determinada tribo sente especial predilecção pelas termitas vivas.

Então, que tal, leitor amigo? Ficou com apetite?

## CURIOSIDADES DO MUNDO



Vejam só este sugestivo trabalho, executado pela famosa família Mayers. O pai, o filho e a filha movimentam a máquina na qual a mãe costura pacatamente...

Um escultor dinamarquês costuma utilizar este casaco de trabalho onde ele imprime as suas próprias mãos...

Eis um exemplo da inteligência dos animais. Na Nova Zelândia um cavalo vai cumprir a dona todos os dias, a um hospital onde ela se encontra internada.

# À MARGEM DA GUERRA

## FIGURAS QUE A GUERRA QUEIMOU...

QUEM se lembra hoje, ao pegar no seu jornal diário ou na sua revista semanal, nas figuras que antes da guerra enchiam as primeiras páginas dos periódicos? Ninguém ou quase ninguém...

No entanto, muitas dessas personalidades que foram incansavelmente discutidas, quando as suas vozes ditavam leis e movimentavam milhões de homens, não desapareceram completamente do cenário mundial, revivido pelo deflagrar das bombas...

Por exemplo: reportemo-nos a 1939, ao momento em que os alemães lançaram a esmagadora ofensiva contra a Polónia. Recordam-se, por acaso, quem eram as entidades internacionais mais em destaque? Pois não se lembram de que eram o coronel Beck e o general Smigly-Rydz?

Mas o que será feito deles? Que se saiba não morreram e Beck, o ministro dos Negócios Estrangeiros da Polónia, era uma das figuras mais populares do panorama europeu. As suas fotografias onde aparecia impecavelmente vestido, eram quotidianamente publicadas pelos grandes magazines de todo o mundo, em rivalidade de atitudes com o outro diplomata peripatético do momento, que se chamava Ramsay Mac Donald.

Pois, segundo o jornalista Crurys Jones, o coronel Beck já não viaja de comboio ou de avião, nem de automóvel ou mesmo de bicicleta, tendo abandonado de vez os seus elegantes fatos que lhe davam o aspecto de Petrólio do século XX.

Joseph Beck vive, presentemente, com sua mulher e um secretário, numa pequena moradia dos arredores de Bucareste e não goza, como acontecia antigamente, os prazeres da liberdade de acção. Dia e noite, a pequena «villa» que habita é vigiada por polícias impecavelmente fardados que falam o romeno com acentuada pronúncia germânica. Porquê? É fácil compreender: são agentes da Gestapo...

A respeito da situação do general Smigly-Rydz, ex-comandante-chefe dos exércitos polacos, por ocasião da questão de Dantzing, nada se sabe. É certo que as últimas notícias informaram o mundo da fuga do general para a Roménia após o colapso dos seus exércitos. Porém, a verdade é que, de momento, não se sabe onde ele pára. Julga-se, até certo ponto, que, depois dos movimentos revolucionários romenos, tenha regressado à Polónia e se encontra refugiado nas montanhas. Não nos admiraria nada ouvir dizer, qualquer dia destes, que o antigo chefe das forças regulares polacas está à frente de qualquer bando de guerrilheiros em operações naquele país...

Sem sairmos dos Balcanes, encontramos mais duas figuras que passaram à história e não têm grandes probabilidades de voltar a reaparecer no horizonte político europeu: o ex-primeiro-ministro Stoyadinovitch e o regente príncipe Paulo da Jugoslávia.

O primeiro está, segundo se su-

põe, algures em África, para onde foi enviado pelo governo britânico, no intuito de evitar que pusesse os seus sentimentos, entranhadamente fascistas, ao serviço de qualquer causa prejudicial ao esforço de guerra das Nações Unidas.

O célebre tio do rei Pedro da Suécia, por sua vez, transferiu-se há pouco tempo para o Egipto, em virtude do seu estado de saúde inspirar cuidados especiais.

Outras celebridades, desta série de celebridades esquecidas não arredaram pé, apesar das lutas e das ocupações militares, dos sítios em que sempre viveram...

A propósito, citaremos dois nomes mundialmente famosos, embora pertencentes a pessoas que, duma maneira geral, nunca tiveram qualquer significado político, pois pertencem ao mundo teatral francês: Sacha Guitry e Maurice Chevalier.

Sacha Guitry, cujas aventuras matrimoniais são tão cinematográficas como os filmes que produziu, continua a viver em Paris, à grande e à francesa, como se costuma dizer, pois colabora absolutamente com os alemães.

Porém, o caso de Chevalier já é mais obscuro. Os círculos franceses de Londres atribuem-lhe uma atitude um tanto ou quanto dubia, pois não sabem se o criador de «Le Roman de la plume» está a trabalhar de acordo com os invasores da França ou se se limita a vegetar de acordo com as circunstâncias...

Os estadistas da França vencida — Deladier, Mendel, Blum e Reynaud — andam em peregrinação pelos vários campos de concentração germânicos, não se sabendo ao certo qual o seu paradeiro. Quanto a George Bonnet, notícias muito recentes dão-no como visitante accidental da Suíça, após ter desempenhado várias missões em Paris, de colaboração com as autoridades alemãs, porém, o caso de Edouard Herriot é considerado uma verdadeira charada. De quando em quando, — e isso já aconteceu mais do que uma

vez — o telégrafo encarrega-se de nos comunicar a sua morte em qualquer casa de saúde da França ou da Alemanha. Porém, tais notícias nunca chegaram a ter confirmação.

Do mundo financeiro e político da Bélgica, pode-se citar o nome de Paul von Zeeland. Encontra-se em Londres, onde desempenha as funções de agente de ligação entre os governos belga, britânico e norte-americano.

E se dermos um salto sobre o Atlântico, poderemos procurar mais duas figuras esquecidas de certo prestígio internacional: os americanos Joseph Kennedy e o ex-coronel Charles Lindberg.

Kennedy, que era embaixador norte-americano em Londres, quando a aviação germânica lançou os seus pesadíssimos ataques contra a capital inglesa e que se retirou para os Estados Unidos para declarar convictamente que a democracia britânica desaparecera para sempre da face do globo, está em Miami a gozar dos rendimentos, pois segundo rezam as crónicas do seu país não faz nada de útil...

Quanto a Lindberg, o inesquecível herói da travessia do Atlântico Norte, cuja popularidade foi esbatida pelo arremido isolacionismo por ele preconizado antes do ataque japonês a Pearl Harbour, parece ter pôsto de parte todas as idéias que o tornaram impopular e é agora o consultor-técnico da maior fábrica aviões do mundo, pertencente ao não menos famoso Henry Ford.

E a lista das personalidades que passaram aos bastidores da cena mundial seria interminável, se a quiséssemos prolongar. Na vertigem dos acontecimentos quotidianos, novas figuras aparecem, outras se esvaem. Ontem Mussolini, hoje Giraud, amanhã Victor Manuel da Itália. Parafraseando a despedida do grande general francês, que tão modestamente soube sentir ter soado a hora do seu afastamento, poder-se-ia dizer: «Os homens passam, só as nações ficam...»

# O HOMEM QUE CONSTRUIU UM BARCO EM 15 DIAS

HENRY Kaiser, o «imperador dos Estados Unidos» é um dos famosos «self-made-men» que mais do que nenhum outro país, a América sabe produzir. Começou por explorar uma empresa de cascalho que logo atingiu um valor excepcional, com a divulgação do cimento armado e do betão. Atirou-se com tal entusiasmo a este ramo de comércio que, com o seu génio para os negócios e a sua originalidade, em breve obteve um monopólio fabuloso. Mas, ainda não era tudo!

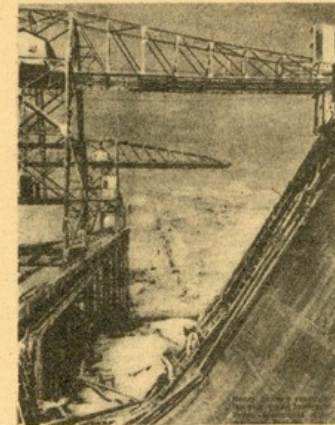
Kaiser passou a interessar-se pelas explorações de caminhos de ferro e, principalmente, de electricidade. As barragens que se construíram por sua iniciativa, passaram a ser feitos espantosos...

Depois, veio a guerra. Kaiser compreendeu que os Estados Unidos não tinham tonelagem suficiente. E, en-

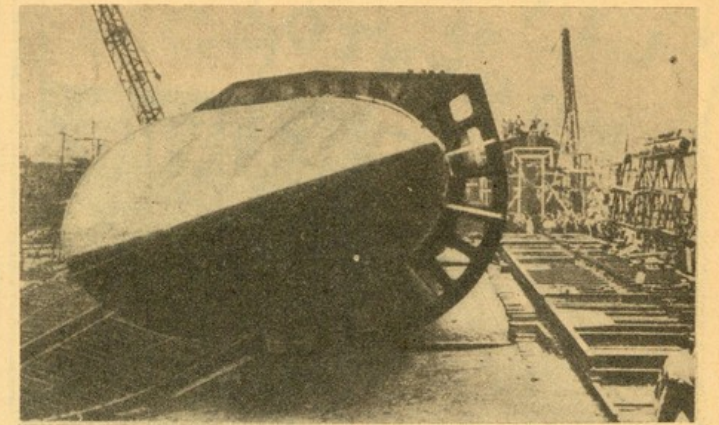
tão, vá de criar um impulso novo nos estaleiros, para que a marinha mercante correspondesse às necessidades de um grande país em guerra. O que havia, então, de fazer Henry Kaiser?

Nada menos: tomou conta de sete estaleiros navais e pôs-se a construir os conhecidos «Liberty», para a marinha mercante. Para a construção do primeiro, foram precisos 185 dias; depois, para cada um destes barcos de 10 mil toneladas, o prazo foi diminuindo, até atingir, finalmente, metade de um mês, que é o tempo que vai da colocação da primeira cavilha, ao lançamento do navio à água.

Cerca de mil transportes saíram já dos estaleiros Kaiser — o que constitui uma grande contribuição a favor dos Aliados e uma magnífica promessa de progresso, para depois da guerra.



Henry Kaiser construiu as barragens hidro-eléctricas da América: Boulder, Bonneville, Grand Coulee e Shosta.



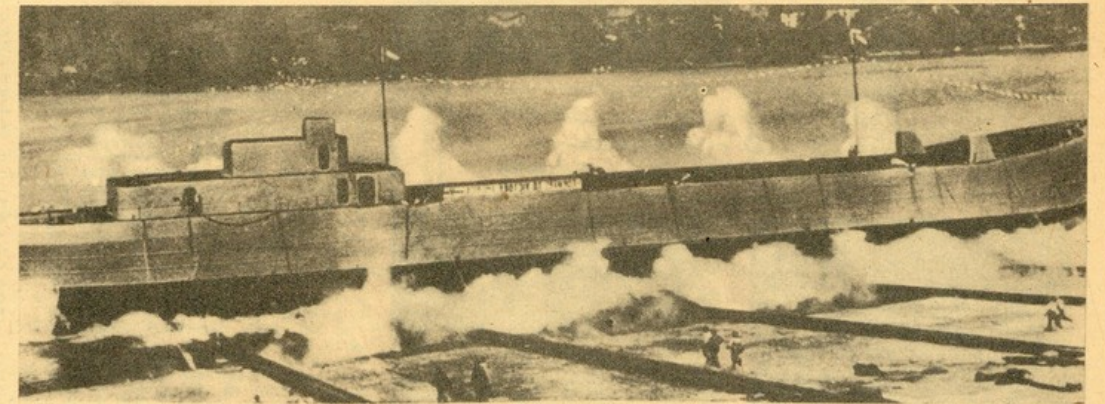
Uma das dificuldades para a construção de um navio, está no problema da soldadura do seu revestimento inferior. Nos estaleiros Kaiser, os barcos são munidos de um suporte circular que permite fazê-los tombar e soldar comodamente o «ventre».



Em todas as suas iniciativas, Kaiser introduz novos métodos técnicos, baseados sobre uma organização genial.



Kaiser assiste ao baptismo de um «Liberty». O grande industrial terminou os seus estudos aos 11 anos — o que o não impediu de vir a ser perito comercial e técnico.



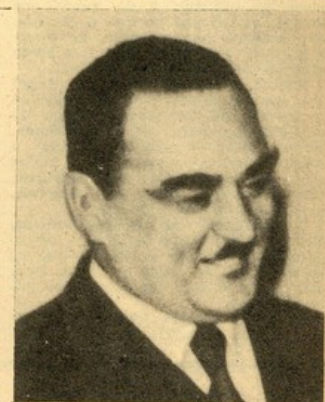
«For Ward to Victory América» é a legenda dos «Liberty», feitos em 15 dias — o que só é possível, graças à racionalização extrema do trabalho.



Beck



Smigly-Rydz



Stoyadinovitch



Paulo da Jugoslávia



Sacha Guitry



Maurice Chevalier



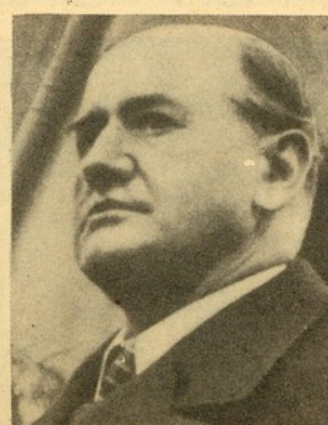
Mandel



Blum



Reynaud



Daladier



George Bonnet



van Zeeland



Herriot



Joe Kennedy



Charles Lindberg

# OS LIVROS DO MOMENTO

Luisa Maria Linares

## DOZE LUAS DE MEL



## O LIVRO NEGRO DA VIRGEM BRANCA


ROMANCE POR JOÃO AMARAL JUNIOR



Pedidos à  
AGÊNCIA EDITORIAL  
BRASILEIRA  
Rua Ivens, 28 — Lisboa

HELLMUTH UNGER

## ROBERTO KOCH




EDITORIAL AVIS

JOÃO VALERA

## PEPITA XIMENES


NOVELA



EDITORIAL AVIS  
RUA DA TRINDADE, 20-2. — LISBOA

H. SPOR EVANS

## HISTÓRIA DA LITERATURA INGLÊSA



PARTELLA EDITORA

CHIANG KAI SHEK

UMA ANÁLISE E SOCIEDADE

O ESPÍRITO CHINÊS FRENTE O PROBLEMA DAS RAÇAS



Colectão Homo.

Os livros que deve ler



## Augusto da Costa

Que não escreve romances «absolutos» vai fazer mais um livro «internacional»...

**A**UGUSTO da Costa é um escritor consagrado pelo público. Principalmente pelo público feminino, que é sempre o grande e terrível juiz de todas as coisas, o que derruba ídolos e constrói novos modelos de idolatria popular. Por isso as suas edições atingem números raras vezes ultrapassados entre nós e por isso, também, o desvendado da sua personalidade literária de algum modo constitui interesse público.

Quando o abordámos, preguntámos-lhe: — Com a publicação de *Uma aventura em Lisboa*, inclinou um trilha novo, ou continua o caminho dos seus romances anteriores? — Trilha novo não será, porque *Uma aventura em Lisboa* cabe perfeitamente na linha que tracei em *Miquelina*, *rapariga moderna*; mas a verdade é não haver pontos de contacto, no que respeita aos aspectos formais, entre *Uma aventura em Lisboa* e *O Solar deshabitado*, por exemplo. Além disso, trata-se de um romance nascido em folhetim no *Diário da Manhã*, e no qual, meio sério, meio risonho, procurei seguir a técnica folhetinesca do século XIX. Chamei-lhe «romance frívolo». Todavia, em rigor, parece-me demasiado sério para frívolo, e demasiado frívolo para sério. De qualquer modo, está longe de ser um «romance absoluto» — quer se trate do modelo francês Marcel Proust, quer do modelo americano Mary Love, que são para mim os tipos mais representativos, embora opostos, do «romance absoluto»... — E depois desta *Aventura*, que tenciona publicar? — *Verónica*, outro romance, que deverá sair ainda este mês. — Romance de intenções sociais?

— Como sou socialmente «intencionado» — isto é: obedeço a determinados imperativos éticos — todos os meus romances têm, implícita ou explícita, a sua intenção social. Não são só psicologia, nem só acção, nem só poesia. Aliás, todos os meus romances são romances, mesmo quando alguns afirmam o contrário, têm as suas intenções sociais. Abro excepção evidentemente, para os romancistas cépticos à força de experiências — se o cepticismo não é ainda uma intenção social... — e para os neutros; ou amorfos, por falta de experiência humana, que se traduz em carência de princípios orientadores, ou «idéias-mães»... — A sua *Verónica* será então?... — No primeiro plano, o drama da mulher sózinha entre os homens. Como fundo, em vários planos, individuais ou colectivos, a decomposição de uma sociedade pelo amoralismo dos princípios que a governam. — Será ainda a continuação do *Solar deshabitado*? — Talvez um *post-scriptum*, porque a Vera Verónica deste romance apareceu pela primeira vez no *Solar*, e porque outras figuras do *Solar* aparecem igualmente em *Verónica*, embora a título subsidiário. A sua acção, porém, é independente da trilogia principiada em 1941 com *As Inocentes*. — Depois de *Verónica*, que romances tenciona publicar? — Tantos quantos puder! Matéria não me falta... Em cada vida há um romance, e cada casa é um romance de muitas vidas — presentes ou passadas. De momento, porém, posso dizer-lhe que me ballam no espírito os temas de três romances, que serão, cronologicamente: *O sonho de cada um*, *Rua verde* e *Menina-bonita*... — E todos «intencionais»? — Sim. Nenhum deles será «absoluto»; todos reflectirão imagens de problemas individuais e sociais do nosso tempo, na sua fatal interdependência, e obedecerão aos princípios que estão na base da minha ética. Não serão «apologéticos», no sentido corrente do termo, nem romances «brancos», de capa azul, para meninas «cor-de-rosa»; espero todavia que sejam romances verdadeiramente humanos, reflectindo, portanto, as misérias e grandezas da vida humana.

## Jean Cocteau e os músicos

**P**OR afinidade espiritual, por adesão igualmente fervorosa à música renovada, por amizade pessoal, Jean Cocteau encontrou desde o início da sua carreira literária ligado intimamente aos maiores compositores da França neste século. Esta curiosa fotografia do «Grupo dos 7» é um símbolo dessa fecunda fraternidade entre o autor de «Le Coq et l'Arlequin» e esses grandes criadores musicais. Nela figuram, da esquerda para a direita, Francis Poulenc, Germaine Tailleferre, Jean Cocteau, Louis Durey, Darius Milhaud e Arthur Honegger. Outro membro do grupo, que se encontrava ausente, Georges Auric, está representado na fotografia por um desenho original da autoria de Cocteau.

O papel do escritor entre os músicos foi além da simples amizade. «Le Coq et l'Arlequin» constituiu uma espécie de estatuto moral e estético do grupo — panfleto com certa insolência juvenil que esgrimia contra as influências dominantes de Debussy e Wagner. Em toda a sua obra Cocteau não esconde o profundo cunho artístico que marcaram nela os seus amigos compositores ou virtuosos que exprimiam na música idêntica formação intelectual. Só a ironia transparente e delicada supera néle a visão musical já arte a que sacrificou tudo mais.





## O processo das Chaves de Ouro vai subir novamente aos tribunais

**S**IMONE SIMON é uma artista com pouca sorte. Há cinco anos teve que sair de Hollywood, precipitadamente, acosada pelos ecos de um tremendo escândalo amoroso, que subiu até aos Tribunais. Como estão lembrados, a sua secretária, Sandra Shaw, acusou-a de receber em sua casa vários admiradores, aos quais a vedeta — segundo o testemunho da delatora — confiava pequeninas chaves de ouro, que davam ingresso aos aposentos particulares. Simone levou Sandra aos tribunais e declarou então que se tratava de uma refinada mentira e quanto à matéria-prima das chaves, afirmou que não ganhava o suficiente para se permitir ao luxo de presentear com elas os admiradores, sobretudo se se tomasse em linha de conta o número avultado dos mesmos...

Os tribunais deram a acusação como infundada e Sandra foi condenada a uma pena, relativamente leve.

Simone regressou à França resolvida a nunca mais pôr os pés no



continente americano. Logo a seguir, porém, a guerra rebentou e a vedeta passou por Lisboa a caminho do Novo-Mundo.

Sandra não esqueceu o processo. E ela, que jurara vingar-se, acaba de requerer a revisão do pleito. Segundo afirmam os jornais, a ex-secretária da vedeta juntou ao processo provas inofensíveis, que os juizes terão novamente que apreciar.

Simone Simon vai passar novamente um mau quarto de hora, durante o qual será devassada a sua vida íntima, para gáudio dos que se interessam por estas questões, que têm sido a morte de algumas vedetas, tão populares e tão queridas como a famosa intérprete de «A Pantera».

## SABE ALGUMA COISA DE CINEMA?

Tente responder a estas 10 perguntas

1. — Lucille Le Sueur é o verdadeiro nome de...

...Bárbara Stanwyck  
...Lucille Ball  
...Joan Crawford.

2. — Duas das artistas que se seguem são irmãs. Quais são?

...Joan Fontaine  
...Kay Francis.  
...Mona Barrie  
...Olivia de Havilland  
...Bonita Granville

3. — Qual destes artistas esteve quatro anos em Portugal ao serviço de uma grande empresa americana de combustíveis líquidos?

...Walter Pidgeon  
...Walter Huston  
...Nat Pendleton

4. — A «Tia Milly» da Família Hardy é sempre interpretada por...

...Sara Haden  
...Fay Holden  
...Cecilia Parker

5. — O primeiro filme científico foi realizado por...

...Pierre Curie  
...Dr. Comandon  
...Pasteur

6. — O primeiro filme sonoro exibido em Portugal foi...

...O cantor do «Jazz»  
...Sombras Belugas  
...Sob os Telhados de Paris

7. — A «Morte Cansada» foi realizada por...

...Fritz Lang  
...Murnau  
...Dupont

8. — Rudolfo Valentino morreu...

...num desastre de avião  
...de doença súbita  
...de desastre com arma de fogo

9. — O «garçoto de Charlot» foi...

...Jackie Coogan  
...Jackie Cooper  
...Jackie Duff

10. — Merle Oberon é casada com...

...Alexandre Korda  
...Lubitsch  
...Clarence Brown

Procure responder a estas perguntas. Se acertar em todas pode aspirar ao título de «cinéfilo perfeito». Mais de sete é um bom resultado. Mais de cinco, apenas regular. Menos de cinco e mais de três, revelará fracos conhecimentos da matéria. Menos de três — ignorância evidente. As respostas encontram-se na página 21.

## CINEMA

# Realidades e paradoxos

**D**ENTRO em breve, logo que a Cinelândia inicie a película que vem preparando, teremos três estúdios a funcionar, todos alinhados no Lumiar, em parada de forças do cinema português. A indústria nacional ganha importância crescente — e os capitais invertidos nestas três fábricas de filmes justificam todas as atenções e cuidados. Isto, sob o ponto de vista industrial, propriamente dito. Porque se encarmos o problema pelo aspecto das suas repercussões espirituais — a importância avulta, para tomar proporções de uma verdadeira causa nacional!

Uma indústria só pode prosperar se o custo do produto for coberto pelo mercado a que se destina. E não nos esqueçamos ainda de que para que tal suceda, torna-se mister, entre os factores primordiais, que haja possibilidades de colocação do mesmo. Aumentando as possibilidades de colocação, o mercado amplia-se, torna-se possível melhorar o produto, porque o rendimento aumenta proporcionalmente.

O cinema não foge a estas regras primárias, primariamente enunciadas. Para que o filme português adquira as necessárias condições de estabilidade industrial, torna-se imprescindível, portanto, que o rendimento da exploração (incluindo as vendas para o Brasil, América do Norte e Espanha) cubra o preço do custo, com a natural margem de lucro. Ora, por via de regra, este equilíbrio tem sido precário. Factores de ordem vária contribuem para esse resultado, dos quais o mais importante se resume nos estreitos limites do mercado lusitano.

Portugal dispõe aproximadamente de cerca de 300 cinemas. Este número, descontadas as esplanadas e recintos de exploração transitória, baixa para pouco mais de duzentos. E, grande parte destes, são pequenas salas, de deficientes instalações, que dão espectáculos de longe em longe, uma ou duas vezes por semana.

Se o número de cinemas duplicasse ou triplicasse — é bem de ver que o rendimento de um filme, por terem crescido as possibilidades de colocação, aumentaria consideravelmente, reflectindo-se de forma benéfica no equilíbrio da indústria. Duzentos cinemas para sete milhões de habitantes é, de facto, uma proporção irrisória. O país carece de salas. Assim o entenderam, de resto, todos aqueles que, por conhecerem os meios onde vivem, pensaram em levantar nas cidades, vilas ou aldeias, novas salas cinematográficas.



Lynn Bari é um dos mistérios de Hollywood. De figurante, depressa ascendeu aos pequenos papéis. E depois estagnou nessa semi-obscuridade — e aí se quedou largo tempo. Súbitamente, a nos volvidos sobre a sua estrela nos estúdios, eis-la que aparece, transformada em vedeta. Lisboa ouviu-a, ainda há poucas semanas, no primeiro papel feminino dessa — o mérito delicioso que era «O Magnífico Preguicoso». Esperamos agora que o seu talento brilhe largo tempo, nos cartazes de todo o mundo e que um súbito acaso não venha prejudicar uma carreira tão tardia e encetada, sob tão bons auspícios.



Anutška (Ada Luftmann) e João (Igrejas Caeiro) vivem o seu primeiro amor. Ele na sua primeira ilusão, em esquecida da verdade da sua vida...

# “O Violino de João”



D. Jacinto (Erico Braga) donjuanesco, faz a corte a Anutška (Ada Luftmann), estrela do circo Derminova. Se ela quisesse, ele tinha lá uns cavalos que são mesmo um portento em alta escola...



Malicioso e interesseiro, como um bom cigano, «Pedro Derminova» (Villaret) encorajava os admiradores da filha «Anutška»...

O cinema nacional começa a sair dos trilhos já percorridos. Pelo menos assim o entendeu o autor de «O Violino de João», que nos aparece com uma obra diferente, lembrando-se, sem dúvida, que o público quere, antes de mais nada, uma história bem contada. E que pouco lhe interessa o tempo e o lugar onde possa estar situada.

Foi o princípio que presidiu a este novo filme português do produtor-realizador Braz Alves, e que Exclusivos Triunfo vai apresentar na tela aristocrática do «Tivoli». O elenco é impressionante: Ada Luftmann, Igrejas Caeiro, João Villaret, Erico Braga e Emília de Oliveira. Música de Jaime Mendes, o já consagrado autor de tantas partituras de êxito.

Perscrutando as fotografias, não será difícil imaginar o drama que «João», grisalho e saúdoso, vai evocar para as suas discípulas. O romance do seu violino decorre nos bastidores de um circo ambulante, no meio dos zingaros que percorrem o mundo levando consigo o seu próprio mundo. E é a linda história dum grande amor que a morte eternizou...

# novo filme português



«D. Jacinto» (Erico Braga) recomenda então ao cozinheiro do restaurante que é preciso ter cuidado com a cela que vai oferecer à companhia de circo Derminova — e em que espera cair nas boas graças de «Anutška»...



Vinte anos depois «João», prematuramente enancado, refugiado na sua arte, dava lições de música...



«Czardas!» — é o grande número da noite, dançado por «Anutška» na pantomima da floresta húngara... Mas o seu coração sangra...



«João» curva-se em lágrimas, sobre o rosto daquela que acaba de lhe dar a suprema prova de amor — a sua morte...



«Esquece-me, João... Deves viver apenas para o teu violino, para a tua arte...»

# TOIROS

## COMENTÁRIO

### O PÚBLICO E OS TOUREIROS

**Q**UANDO o ano passado, em quantas praças actuou Gregório Garcia, o público se manifestou com exuberâncias de entusiasmo, correu muita tinta para se afirmar que os aficionados portugueses tinham perdido o bom gosto, e como nunca manifestavam a sua ignorância, aplaudindo tão fervorosamente um toureiro que revelava tal cópia de defeitos que nem sequer merecia a classificação de regular.

Nunca concordámos com tais opiniões, porque eram muitas as circunstâncias que provavam o contrário, e no passado dia 23, em Algés, mais uma vez ficou demonstrado quanto merecidas eram essas acusações.

Fizeram-se das tais «faenas» que os puristas consideram como as únicas à altura dos créditos dos bons toureiros; pois o mesmo público que formou «bichas» junto das bilheteiras do Campo Pequeno, que correu Portugal de lés-a-lés atrás do discutido mexicano, o mesmo que vitoritava as suas façanhas na arena, aplaudiu, de pé, vibrante de entusiasmo, o labor de «Cagancho» e «Gitaniño de Triana». Porque tenha melhorado os seus conhecimentos ou regressado ao bom gosto? Simplesmente porque nunca regateia as palmas aos que as merecem, àquelles que trazem dentro de si o selo genial do toureiro ciganu ou àquelles que, embora com menos centella, numa profunda compreensão do brio profissional, se consideram com o dever de dar tudo quanto podem por forma a que aquêle que paga nunca possa julgar-se enganado. E o que se passa com o nosso público é comum a todos, seja qual for a sua nacionalidade.

Ninguém, por certo, ousará afirmar a ignorância do povo espanhol, sobretudo do madrileño, em questões de toiros; pois foi um toureiro com características muito semelhantes às de Gregório Garcia — «El Soldado» — quem provocou em Espanha uma autêntica revolução, fazendo seis ou sete corridas seguidas em Madrid, de parceria com o seu patricio Gorza, e enlouquecendo por tal forma os aficionados que pode muito bem atribuir-se ao seu excepcional êxito uma das causas encobertas do já célebre conflito tauromáquico entre as pátrias de Joselito e Gaona.

Registe-se ainda que, logo após a proibição da entrada de mexicanos nas «combinções» das empresas espanholas, uma tarde em que actuavam Ortega, «Bienvenidas» e La Serna, o público, exaltado, berrava contra os toureiros e chamava pelos mexicanos.

Não é de crer que tão destacados artistas tivessem fáceis competidores além-Atlântico — o que, porém, o público reprovava era a falta de vontade dos lidadores; o que o público pedia era a honestidade, o brio toureiro, a ténpera de aço desses bravos e generosos rapazes da terra de Ponciano Díaz!

# CAPOTAZOS

## BONS INDICIOS



Um dos elementos da Sociedade Campo Pequeno, Limitada, foi recentemente a Espanha afim de assegurar a vinda a Lisboa das mais destacadas figuras do toureiro

actual e prepararam-se, na nossa primeira praça, espectáculos para as tardes de 14 e 21 do corrente. Por outro lado a empresa «Sol e Sombra» animada mais pelo êxito artístico do que financeiro da função de 23 de Abril, parece disposta a organizar em Algés outras corridas mais.

A época tauromáquica na capital vai assim ganhando animação, com o que todos devemos congratular-nos.

## NÃO ESTA CERTO!



T e m causado justificadas reclamações o elevado preço porque este ano apareceram as almofadas na praça do Campo Pequeno. Segundo nos afirmaram, na época finda o alu-

guel desse indispensável objecto, rendeu uma quantia que anda por volta dos quarenta contos. Com o

aumento verificado e dada a maior afluência de público às corridas, é de crer que no ano corrente se atinjam os cem contos. Sendo o aluguel das almofadas um exclusivo da Empresa Proprietária da Praça, parece-nos que a mesma bem podia servir de outra maneira os interesses dos aficionados, tanto mais que tal aumento se nos afigura sem a menor razão de ser.

## UMA RESPOSTA DE «EL GALLO»



Uma tarde, em Sevilha, um amigo de Rafael Gallo acusava-o pela sua falta de atenção para com o público que o seguia a todas as partes para não perder o momento em que

o genial toureiro se resolvesse a mostrar quanto valia.

Rafael escutou o reparo e por fim, perguntou com a expressão ingénua que tão bem sabia compôr:

— Quantos toiros há em Espanha?

— Sei lá! Mil... dois mil... — retorquiu o amigo.

— Pois bem; haverá dois mil: Rafael Gallo, porém, há um só e se o mata um touro, quem fica para matar os outros?

Duma modestia sem limites «el divino» calvo tinha destas arrogâncias...



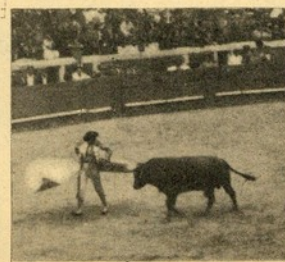
Júlio Glória banderilhando o touro da alternativa

**A** qualidade dos toiros e a pouca inspiração dos toureiros tirou à corrida do Campo Pequeno o brilhantismo que podia esperar-se dum cartaz que, sem atingir nível muito elevado, tinha, no entanto, motivos para resultar, sobretudo pela reaparição de Gregório Garcia, que desta vez viu, de maneira clara, as opiniões dividirem-se entre o público que totalmente enchia a praça. Gregório Garcia é uma figura interessante do toureiro, que reúne condições de agrado, conquistando de pronto os públicos. No passado ano ficou isso vincado de maneira expressiva, inulduível. Novilheiro ansioso de conquistar um lugar, necessitando chegar à alternativa em «bom sítio», êle toureou como poucos fariam o bom e mau que lhe largaram dos «chiqueros».

Volta agora como matador de toiros e, atingido o maior grau do toureiro, as suas responsabilidades cresceram de tal modo que, mesmo aquêles que, como nós, formaram a legião dos seus apreciadores, não podem deixar de reprovar atitudes desnecessárias, novilheirais, que conduzem à colhida sem justificação — à colhida que denota uma fraqueza e impossibilidade que sabemos muito bem que Gregório Garcia não tem.

Garcia volta do México com as suas prodigiosas faculdades de vista e pernas aumentadas — assim mostrou ao tourear de capote o seu 1.º touro — mantendo intactas a sua alegria e a sua «maneira». Porque não dominar os nervos e, já que atingiu o «doutoramento», porque escolheu os toiros, visto que conhece as ganaderias portuguesas? É natural que se defenda, legítimo mesmo. O tempo da luta já passou; agora urge marcar um lugar de acôrdo com a sua categoria de matador de toiros, um lugar destacado como merece êle próprio e o público que lhe jurou uma fidelidade que, deve ter compreendido, não conhece limites.

Esperemos, pois, e confiadamente, neste ardoroso moço e aguardemos as grandes tardes de arte e emoção que êle é absolutamente capaz de proporcionar. Tirar três ou quatro «verónicas» verda-



Gregório Garcia rematando um «quite» e Manolo Ortiz toureando por «verónicas»

# Espectativa e decepção

## na 2.ª corrida no Campo Pequeno

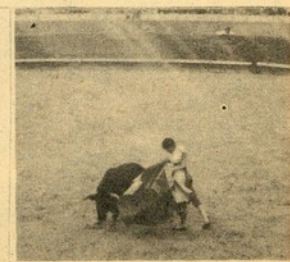
deiramente boas, duas «chicuelas» magistrais, um bom par de banderilhas entre sete e ir para o único touro bom da corrida para lhe fazer uma «faena» de «muleta» incompreensível, é que é pouco, é que é nada para o toureiro que tem maiores responsabilidades perante o público português.

Manolo Ortiz atravessa o período de luta que é comum a todos os que principiam desejosos de vencer, e daí a vontade que se nota em tudo o que faz. Havia interesse em vê-lo depois da corrida inaugural, e podemos dizer que pouco adiantou. Com toiros que apresentavam dificuldades, vieram mais a claro certas deficiências que se haviam esboçado já na primeira actuação. Toureira de capote com elegância e verdade, banderilha de maneira que se torna difícil conseguir pares de efeito, e com a «muleta», se não fosse a «faena» ao último touro em que se deixou manobrar, diríamos que estava no bom caminho. Essa «faena», porém, foi prova de que não pode ainda mostrar-se com toiros que apresentem dificuldades, aliás bem pequenas, na referida rez.

Tentaram alternativa os praticantes Júlio Glória e Carlos Matias. Não conhecemos a decisão, mas cremos que foi concedida ao primeiro e negada ao segundo. Glória banderilhou com acôrto um touro que não era certo, e essa incerteza foi funesta para Matias, pois não chega a boa-vontade nestas coisas de toureiro. Além dos pares que craveu, o primeiro bom, pondo em relêvo as faculdades do toureiro, Júlio Glória mostrou-se diligente com o capote, e é de esperar que sem o nervosismo próprio de uma prova de exame, êle de futuro nos ofereça razões para o apreciarmos tanto, como os públicos da provincia por onde goza de bom «cartel».

Os cavaleiros Fernando Salgueiro e Murteira Correia tourearam como puderam os seus maus inimigos. Salgueiro fez coisas acertadas, mas com tanta tristeza e tanta falta de cor que tudo se perdeu numa lide «gris». Murteira, mais alegre, pareceu-nos em bom caminho, conseguindo um belo par a duas mãos que se aplaudiu, depois de uma lide que foi prejudicada pela endiabrada «brega» de Alé e «Cantillana». Procópio, por fim, salvou a situação, ganhando palmas. E quem muito as mereceu também foi An-

(Continua na pág. 22)



# A CIDADE E O LAR

No ano de 2.500

**L**E Corbusier, o grande architecto dos nossos dias, declarou que já é tempo de repudiar o traçado actual das cidades, e a acumulação confusa de prédios, as ruas estreitas e cheias de barulho, de gases venenosos e poeira. Sim: as cidades tornaram-se demastado densas para a segurança e higiene dos seus habitantes e, simultaneamente, pouco densas para corresponder às necessidades de uma vida económica complexa.

Construir «cidades-satélites» para descongestionar os grandes centros urbanos é, para Le Corbusier, um erro. Este plano impõe ao trabalhador «o inferno quotidiano da circulação» e obriga o homem fatigado, em cada principio e fim de dia, a passar uma hora no combóio ou no «omníbus». O operário americano percorre 15 milhas no metro e 30 milhas no combóio antes de pôr o pé no limiar da porta de sua casa.

Muitos urbanistas, na Alemanha, Holanda, América, etc., fizeram os seus planos com vista ao futuro.

As novas cidades possuirão formidáveis casas de 60 andares, assentando em pilares de cimento armado e aço inoxidável. Estes dois materiais prestam-se a ousadias, permitindo rasgar imensas janelas viradas para o ar pleno, à supressão de corredores, etc.

Nestes arranha-céus haverá todos os serviços indispensáveis, diminuindo os esforços e aumentando a eficiência.

A distância entre as casas será de 250 a 300 metros; a altura, de 220 metros; a largura, de 150 a 200 metros. A cada habitante é dada uma superfície de 10 metros quadrados. E em cada um dos arranha-céus habitarão umas 40.000 pessoas.

Uma bateria de ascensores e de monta-cargas — de diferentes velocidades — assegurará as comunicações interiores. Diante de cada porta de entrada existirá um arranjo especial formando dois ou três andares de paragens, cujo será uma espécie de auto-pôrto.

A rua (de 300 metros de largura) destina-se apenas ao peão. Os veículos não-de circular numa rede de auto-estradas construídas sobre colunas a 5 metros do solo, e que acabam, por desvios, à porta das casas e dos seus auto-postos. As ruas serão jardins cheios de colorido vegetal e de motivos de beleza.

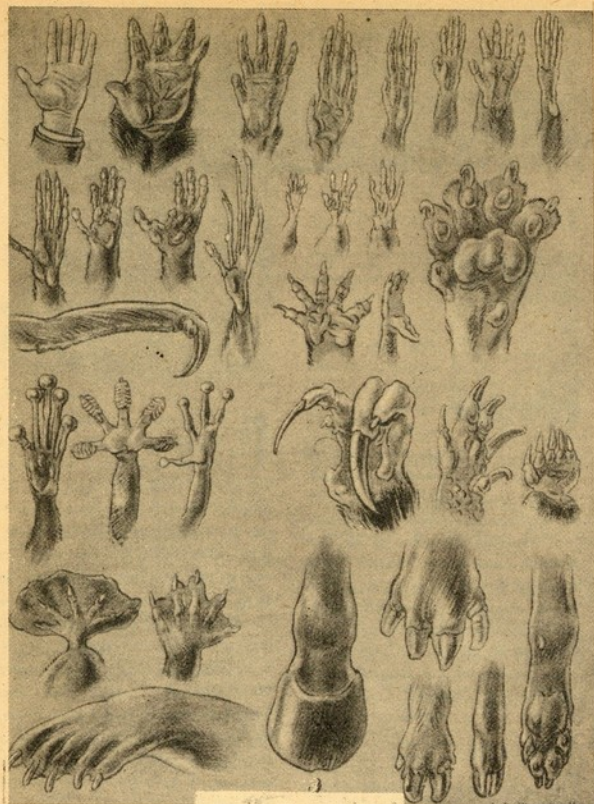
Os andares superiores destinam-se aos serviços sanitários e à cultura física. No período de bom tempo, a cultura física far-se-á no terraço-jardim que coroa a casa. Noutras andares haverá centros de diverso e sociabilidade. Em cada um dos arranha-céus, várias cantinas (cozinhas centrais) fornecerão refeições feitas por especialistas em culinária. Comida higiénica, variada, racional, tanto para seres normais como para os que necessitam de dieta.

As limpezas serão feitas com a ajuda de máquinas ultra-modernas, por profissionais nos lugares públicos e pelos próprios locatários em cada lar.

Apesar de cada arranha-céus ser uma unidade, nem tudo existe nêlle: fábricas, museus, grandes centros desportivos e de diverso, universidades, mar e campo. O sedentarismo trazido pela vida cômoda é anulado pela sábia combinação das ocupações diárias.

Nos lares não haverá coisas inúteis: o essencial para as necessidades práticas e, simultaneamente, para as exigências de beleza. Cada apartamento, isolado em absoluto dos ruídos da rua e dos outros «apartamentos», possuirá uma utensilhagem doméstica ultra-moderna.

Eis uma nova «utopia» bem realizável: assim todos os homens o quisessem...



Aqui temos os membros (mãos e patas) de variadíssimos animais. Podemos fazer curiosas comparações, relacionando o modo de vida de cada animal com o aspecto que têm os seus membros.

O primeiro membro, em cima à esquerda, é o do homem; seguem-se os do gorila, chimpanzé, orangotango, etc., etc. Vemos mãos «inteligentes», apreenhedoras de animais de vida superior; vemos patas providas de garras dilacerantes, dos animais carniceiros; vemos patas «almofadadas»; patas com membranas entre os dedos, adaptadas à vida aquática; patas com um só dedo no chão, adaptadas à corrida veloz.

## A estranha nutrição dos insectos

O regime alimentar dos insectos é muito variado: fôlhas, excrementos de boi ou vaca, madeira, seiva, cêra, carne viva ou morta, sangue, secreções animais ou vegetais, etc. Pode-se dizer que não há matéria natural ou artificial que não sirva de alimento a algum insecto.

Certos insectos vão buscar o alimento ao estômago dos outros. Alguns, praticam a digestão externa. Isto é, espalham sobre os alimentos uma saliva liquefacente, e aspiram-nos com as suas mandíbulas ôcas, depois de dissolvidos. Outros, ainda, têm nos seus organismos colónias de micróbios ou de cogumelos que parecem tomar parte na nutrição.

Nos pulmões, não longe dos ovários, existe uma massa verde de leveduras que facilitam a decomposição de certas substâncias. Em muitas térmitas, a pança rectal regorgita de animais microscópicos. E sabe-se que os insectos desprovidos, à força, dessa fauna rectal, por aquecimento ou super-oxigenação, não podem digerir a madeira. As térmitas pegam umas às outras essa fauna por meio dos dejectos.

Nas larvas hematófagas (corredoras de sangue) das mósas nota-se a presença de leveduras que devem facilitar a digestão do sangue. Esta levedura transmite-se, segundo parece, por hereditariedade.

## COMUNICAÇÕES TELEFÓNICAS ENTRE COMBÓIOS EM MOVIMENTO

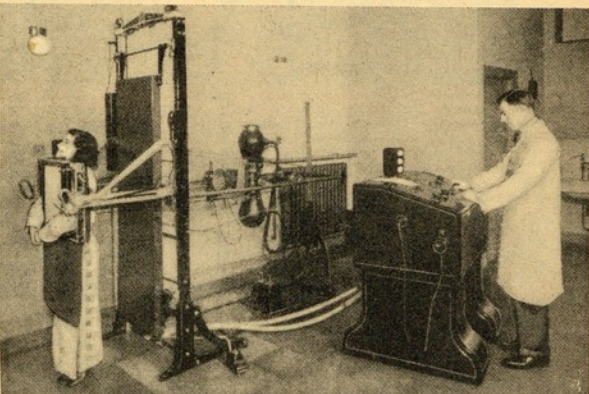
O Caminho de Ferro da Pensilvânia, um dos maiores no oriente dos Estados Unidos, utiliza, agora, um sistema de comunicação de telefones electrónicos de transmissão e recepção entre combóios em movimento. O sistema permite, também, ao maquinista que se encontra na locomotiva, conversar com o seu condutor que está no fim do combóio, 80 ou 90 carruagens à rearguarda. O agulheiro-chefe que está numa torre lateral, emana instruções rapidamente ao guarda-freio.

O novo sistema está ainda na sua fase de desenvolvimento, mas já demonstrou definitivamente as suas possibilidades, aliadas materialmente à eficiência de controlar os movimentos do combóio. Utilizado actualmente num ramal de 107 Km., o sistema trabalha com corrente eléctrica alterna de alta frequência transmitida ao longo dos carris e dos fios eléctricos paralelos à linha. Tem-se solucionado certas dificuldades encontradas na adaptação da rádio ao caminho de ferro.

A generalização deste sistema aguarda futuras experiências, tendo sido instalado esse material em dez locomotivas e dez cozinhas.

No funcionamento actual, o agulheiro-chefe, está em ligação pelo telefone com o maquinista e condutor, mantendo o expedidor informado, e facilitando o tráfico das manobras de todos os combóios.

## R A I O S X



Aqui vemos uma aparelhagem completa de raios X. O nome de raios X vem do facto da natureza misteriosa destes raios, quando foram descobertos pelo físico Moentgen. Podemos imaginá-los como uma chuva de projecteis (electrões) de dimensões ultra-pequeníssimas. Os raios penetram nos tecidos do nosso corpo e vão atacar a células atacadas por enfermidades, mas parece que elles matam também um certo número de células sãs. Actualmente tenta-se obter raios X de grande poder de penetração, capazes de atacar cancers situados muito internamente. Além deste poder, os raios X têm a propriedade de tornar muitas substâncias transparentes, o que é utilizado para obter radiografias do corpo dos animais.

# Quatro momentos da vida de Bernardino Machado, antigo Chefe de Estado



Bernardino Machado festejou os seus 90 anos em Paredes do Coura. O festejo era um seu costume.



Quando fez 91 anos já estava doente e internado no Hospital de São Francisco, do Porto. Mas os amigos não se esqueceram de o visitar.



E ainda enfermo que o antigo Presidente da República festeja os seus 92 anos. Está na sua casa da Senhora da Hora e lá o vão abraçar os filhos e os netos.



Também os amigos lá foram visitá-lo. E, apesar de doente, Bernardino Machado ainda os pôde acompanhar à estação, cavaqueando com o seu fino espírito.

## FALA-SE ESTA SEMANA

DR. OLIVEIRA SALAZAR



Há 16 anos, quando o país se debatia no meio de uma delicada crise política e financeira, o Dr. Oliveira Salazar foi chamado ao desempenho de uma missão que só uma grande inteligência, espírito de sacrifício e comprovada seriedade de processos podiam levar a bom termo. Os resultados desse trabalho exaustivo em cerca de dúzia e meia de anos estão à vista e falam bastante por si, de modo a prescindirem comentário. Portugal renasceu para si e para o mundo. E os responsáveis da nação, reconhecendo-o, prestaram homenagem ao sr. Dr. Oliveira Salazar.

E. MARTONNE



Está em Lisboa uma alta individualidade do mundo científico francês: o Prof. E. Martonne que vem fazer entre nós uma série de conferências no Instituto para Alta Cultura. O ilustre professor da Sorbonne é considerado um dos maiores geógrafos da actualidade, com uma notável bagagem de conhecimentos, adquirida nas suas viagens pelo mundo, desde as estepes geladas aos pântanos tropicais. As suas conferências estão, por isso, a despertar o mais justo e alto interesse, tanto em Lisboa, como no Porto e em Coimbra, onde também falará.

Morreu Bernardino Machado — uma luz que se extinguiu, vinda já das sombras do passado. A sua biografia está feita, o seu elogio está traçado. Mas, por muito tempo há-de falar-se e escrever-se deste antigo Chefe de Estado e homem de ciência. A sua figura pertence à História portuguesa. Rendamos-lhe, por isso, as homenagens devidas. E porque à História tudo interessa, aqui damos quatro fotos feitas por António Silva, por ocasião do seu aniversário, quando completou 90, 91 e 92 anos.

Os amigos e os admiradores acorreram sempre a levar-lhe a sua mensagem de amizade e admiração, onde quer que o paladino da República se encontrasse. As fotos têm reverberos de verdade tocante. O bom velhinho ergue-se aqui na sua plena humanidade. Para longe ficou o político e o homem que dominou os homens...

## PORTUGAL-ESTADOS UNIDOS

PORTUGAL e os Estados Unidos acabam de estender os braços através do Oceano para trocar um fraternal *shake-hand* muito ao gosto americano e da gente lusitana. Os laços da velha estima — uma estima secular — que sempre estreitaram as duas nações atlânticas apertaram-se, de facto, dentro de uma lógica política de boa vizinhança e melhores entendimentos, com a passagem à categoria de embaixada das respectivas representações diplomáticas. Na verdade, nunca como hoje teria para o mundo um sentido tão expressivo a alta prova de mútua compreensão e estima que as duas nações acabam de se dar: os Estados Unidos estão em guerra — Portugal está em paz.

E nunca como hoje tais provas ou outras menos claras poderiam traduzir tanto respeito mútuo e revestir-se de significado tão expressivo no domínio da política internacional.

Por outro lado temos a considerar que os Estados Unidos foram durante anos e anos o El-Dorado dos portugueses, filhos da aventura que haviam aprendido as rotas de Colombo e se detinham na borda do oceano, perguntando-se ensimesmados:

— Onde está a minha felicidade e o meu destino? Na pátria de Camões ou de Lincoln?

E, então, os portugueses lançavam os sonhos ao correr dos ventos, corriam para a América, empório de trabalho e de riqueza inesgotável, formavam grandes e prósperas colónias, dando dinheiro e prosperidade ao país que os enriquecia e fazia prosperar. Esses laços de sangue e de amizade hão-de ter pesado nos pratos da balança em que foram avaliadas as vantagens de se elevar a embaixadas legações à frente das quais se encontravam diplomatas excepcionalmente talhados para dirigir barcos merecedores de tamanho respeito.

Anunciou-se que a Portugal caberia, no final da guerra, um papel praticamente assinalável, entre as pequenas nações. A sua conduta, a sua soberana atitude de povo soberano dão-lhe esse direito conquistado sem armas, nem morticínios. Isto só por si — se outras razões não houvesse — bastaria para justificar a iniciativa do governo do sr. Roosevelt.

## A ENTREVISTA DA ACTUALIDADE



### Hugo Manuel professor de cenotécnica

— Não, penso apenas criar mais vastidão e mais largo horizonte à cenotécnica... Um aluno de arquitectura esculpe um templo grego, muito embora saiba que nunca irá construir um edifício desses. Porque não há-de o aluno do Conservatório estudar a cenografia tradicional?

— E como conseguir essa vastidão de ensinamentos?

— Pretendo que o aluno saiba idealizar o ambiente de uma peça, executar esse ambiente, desenhar os figurinos, dirigir a sua confecção, dar a expressão luminosa que mais convenha ao cenário, e, finalmente, que seja capaz de dirigir todo o espectáculo, isto é: que previamente tenha estudado o ritmo da representação. Que seja, em suma, um criador de espectáculos, mesmo os de teatro ao ar livre.

— E o cinema?

— Também trataremos da parte de construção cinematográfica, hoje conhecimentos de absoluta e imediata necessidade.

— Terá muito, portanto, que trabalhar...

— Mas eu gosto. É isso mesmo o que quero.

Hugo Manuel, que fomos procurar num dos intervalos das suas aulas, já o aqui dissemos, obteve na Escola de Belas Artes de Roma a mais alta classificação. A exposição que lá realizou consagrou os seus estudos e deram-lhe o respeito dos estrangeiros e dos portugueses. A sua acção no Conservatório vai por certo ser decisiva. E ainda bem — para ver se a máquina teatral despenetra e se passamos a ver os nossos espectáculos integrados na verdadeira função que lhes compete, como instrumento de cultura...

**F**OI nomeado professor de cenotécnica, para o Conservatório Nacional, o artista Hugo Manuel. A notícia passou quasi despercebida, mas nós não quisemos aproveitar a oportunidade para falar com um artista de categoria, formado em Roma como bolseiro do Instituto para a Alta Cultura. Hugo Manuel principiou por nos dizer:

— Se bem que todos queiram chamar a si a maior responsabilidade, num conjunto de aspectos que concorrem para a elevação do espectáculo, a verdade é que a cenotécnica, uma ciência nova, ou talvez melhor, um estudo filosófico-prático, constitui hoje um elemento preponderante. Depois das tentativas de Bragaglia, Reinhardt e Meyerhol, não podíamos senão chegar a esta conclusão...

— Quere dizer que a mecânica do teatro...

— Não, não confundamos. O significado de técnica está entre a ciência e o estudo prático, e mesmo trabalho — ou seja, a técnica de cena. A cenografia é, assim, como arte, um capítulo da cenotécnica.

— Pensa modificar, então, tudo quanto se tem feito ou ensinado?

## Um brasileiro na Academia das Ciências

As contingências da guerra trouxeram até nós o convívio de um grupo de brasileiros ilustres. Muitos estiveram e retiraram mas não foram assinados pela imprensa, como esse magnífico espírito de poeta, Osório Dutra. Outros ficaram em presença de corpos — porque não regressaram ainda ao Brasil muitos dos repatriados recentemente chegados ao nosso país — enquanto outros, ainda, ficaram em presença de idéias, como esse sábio professor Paulo Carneiro que fez uma conferência na Academia das Ciências mas que não

ficou conhecido entre o grande público, como o seu valor merecia.

Os estudos que estava a realizar em Paris e que vai continuar no Brasil, onde aliás iniciara as suas investigações impuseram nos grandes centros o nome do Dr. Paulo Carneiro que, na sua conferência no Instituto de Altos Estudos falou do «curares» e das conclusões a que chegou no Amazonas. A foto que damos juntamente mostra-nos o Professor Paulo Carneiro, quando proferia a sua conferência.



Visado pela Comissão de Censura

Composição e impressão: Bertrand (Irmãos), L. da

Telef. P. B. X. 21227-21368 — Lisboa

## NOTAS RÁPIDAS



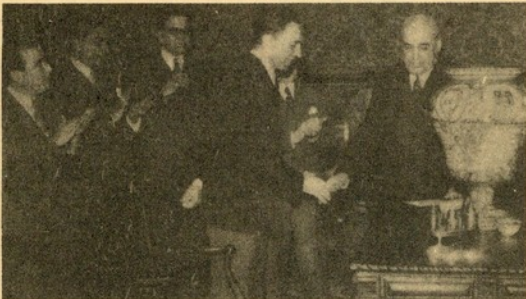
No quartel do comando do Batalhão de Sapadores Bombeiros, efectuaram-se as provas finais da última incorporação. A entrega de machados foi feita pelo sr. tenente-coronel Salvação Barreto, que presidiu às restantes cerimónias.



Chegou a Lisboa D. José Maria Alfaro, presidente da Associação de Imprensa de Madrid. Vem de visita ao nosso país e tenciona realizar entre nós algumas conferências. D. José Maria Alfaro é um jovem pensador e escritor espanhol, cujos conceitos passam fronteiras. Na sua chegada ao Rossio, foi muito cumprimentado.



Esteve em Lisboa o director da Agência Reuter que, com a sua presença, quis significar à Imprensa diária, o apreço em que é tida na Inglaterra e, particularmente naquela empresa de informações telegráficas, a colaboração que acaba de entrar em execução, com as publicações de notícias em todos os jornais do país. No almoço que o sr. Douglas Brown ofereceu aos directores dos diários do país foram trocados expressivos brindes.



Hugo Rocha, como foi largamente noticiado, foi o triunfador do Prémio Ricardo Malheiros, concedido este ano ao seu romance «Genio Branco». A cerimónia da distribuição do prémio foi simples mas interessante pelas afirmações trocadas. Vemos, na foto, o nosso camarada na Imprensa nortenha e romancista Hugo Rocha, recebendo das mãos do Prof. Dr. Caetano de Mota, o prémio que lhe foi atribuído.

# TEATRO

## TRÊS PASSOS DE DANÇA

**E**IS a maior bailarina americana que, todas as noites faz levantar o público da Ópera de Nova-York em apoteóticas ovações. Reparem na graça, na leveza, na quasi imaterialidade destes três passos e digam-nos, depois, se a dança não é arte de sonho...



## Três apontamentos

A ninguém passou despercebido que a peça de Rui Correia Leite actualmente em cena no Nacional, foi, como costuma dizer-se, metida a martelo na actual temporada. Os reportórios da Casa Garrett são elaborados e anunciados com antecedência — mas os pobres dos autores portugueses estão sempre sujeitos a todas as contingências.

Rui Correia Leite acaba de demonstrar que está de posse de inegáveis qualidades de bom dramaturgo. A sua peça «Raca!» diz-nos que de um assunto banalissimo é possível extrair trabalho capaz de interessar, viva e justamente, um público cansado de artificialismos importados.

Em nove ensaios, Palmira Bastos não podia dar-nos uma melhor e mais homogênea encenação. É certo que no desempenho de «Raca!» entra um escol de artistas difficilmente reinivel fora da casa de Garrett. Em primeiro plano, a toda a largura dos adjectivos, Alves da Cunha dá-nos o transe fisico e moral de um cardíaco. Raúl de Carvalho ergue uma figura central numa mancha de simpatia coerente com o papel e o seu modo de representar. Lalandê, Lucília e Samuel Diniz são os restantes pilares do êxito de interpretação da «Raca!».

## Fecharam os teatros no Japão!

**A** notícia surpreendeu e desgostou Tôquio: o célebre teatro Kabuki vai deixar de funcionar.

Kabuki fazia, agora, o seu terceiro centenário. Era a casa de arte dramática japonesa no estado puro. Todos os actores mesmo aquêles que interpretavam os papéis femininos, eram homens. Para se tornarem maiores em cena, usavam coturnos de madeira e, no rosto, colocavam uma máscara interpretativa dos sentimentos que encarnavam. O último drama representado esteve em cena oito meses e chamava-se «Sugavara», escrito há 200 anos.

O teatro e, de um modo geral, todos os espectáculos, conheceram com a guerra, uma prosperidade extraordinária. Antes da proibição, nos grandes teatros de Tôquio representavam-se peças modernas inspiradas na actualidade e que a imprensa qualificava de «reportagens de teatro».

## O que gastou uma bailarina...

**Y**VETTE Chauviré, a mais jovem bailarina da Ópera de Paris, deu, agora, a sua primeira festa artística. Para isso necessitou nada menos do que 200 horas em ensaios, 3.000 páginas de música, 5 malas, 15 pares de meias, 30 metros de tule, 40 de tartalana e 10 de veludo. Para obter todo este material gastou 500 senhas de racionamento de vestuário. A sua família foi obrigada a renunciar a vestir-se durante vários meses para que Yvette Chauviré aparecesse em cena tal como exige a sua categoria de primeira bailarina.

# O teatro em crise

**E**STÁ em crise o nosso teatro. Isto é cansado lugar-comum, bolorento e velho como as coisas velhas. Mas a verdade é que o nosso teatro anda pelas horas da morte. Desfaz-se, desagrega-se, cai aos pedaços, aviltando cada vez mais o gosto, o sentido estético do público, que somos nós — que é todo um povo.

Mais tarde ou mais cedo acabará por aparecer alguém, ou o Estado, ou um grupo de novos, ou seja quem fór, que procurará lutar contra esta decadência de gosto, no sentido de reformar todo um estado de coisas deplorável em que tanto o nosso teatro como o nosso público se afunda e enxovalha.

O teatro, se quere ser verdadeiro teatro, tem de se libertar de toda a casta de especuladores, homens de vistas curtas, incapazes de um voo que não seja atafulhar dinheiro na burra. Experimentem perguntar a um revisiteiro, ou aos anónimos que com eles trabalham, porque escrevem aquelas patacadas de mau gosto. A resposta é sempre a mesma: «Para ganhar dinheiro!» E o que se torna mais engraçado é que todos eles têm a plena consciência de que produziram obra inferior, obra reles, obra demolidora.

Pode achar-se legítimo, dentro de uma sociedade como a nossa, que um homem, para ganhar a sua vida, seja forçado a fazer trabalhos por elle próprio de antemão julgados como inferiores? Mas o que não há direito — e aqui reside o ponto principal de toda a questão! — é que esses mesmos homens, consciente ou inconscientemente, tanto importa, desatem a envenenar o público, embotando-lhe o gosto e a sensibilidade, fazendo-o acreditar que «aquilo» é que é o verdadeiro teatro, do único, do bom, que semelhantes frioleiras sem pés nem cabeça, mas onde há pernas nuas, música pires e piadas grosseiras, constituem as únicas obras capazes de serem aceites e

compreendidas por esse público. Ah, mas se o público soubesse em que conta aquêles senhores o têm, que mau juizo lhe fazem, de que forma o achincalham!

Um dia, a reforma do nosso teatro virá. Quanto mais tarde vier, maiores serão as dificuldades, porque se deparará, então, com um público atafalhado de falsas idéias que criaram raizes fundas por anos e anos de mau trato.



...quando apareceu o

## CASULO Límpa-Fatos

esse inimitável produto que embora custe apenas 2\$00, é um composto maravilhoso de 6 substâncias químicas inofensivas que suprime radicalmente **NÓDOAS, LUSTRO, MAU CHEIRO** e torna os fatos como novos e mais duráveis.

EM TODAS AS DROGARIAS

Revenda:

**SCHROFFER & ALMEIDA**  
Rua da Madalena,  
128, 2.ª — LISBOA



## O Livro do Momento A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

por **RAFAEL MARÇAL**  
A venda em todas as livrarias  
Uma magnífica edição de  
«VIDA MUNDIAL»



## Uma entrevista inédita com Paul Stefan, um dos maiores críticos musicais do mundo



**P**AUL Stefan, uma notabilidade no mundo da crítica, homem cujas doudas e inteligentes opiniões eram recebidas sempre com devoção sincera, morreu lá longe, nessa Nova York distante para onde a guerra o atraiu. Mas da sua passagem por Lisboa, publicamos agora em piedosa homenagem, e devido à gentileza do senhor M. Diesenbruck, uma interessante e inédita entrevista concedida por Paul Stefan, onde este nos oferece judiciosas considerações sobre a música e sobre a própria rádio.

Atrasada, devido às precárias comunicações, chega-nos de Nova York a triste notícia da morte de Paul Stefan, historiador e crítico de música, mundialmente conhecido.

Quis o destino que este europeu 100%, este homem que de alma e coração resistia à emigração para o Novo Mundo, agora falecesse no exílio. Ele que tanto se «agarrara» à Europa e que adorou Portugal como último asilo europeu, pereceu agora como emigrante, longe da sua amada terra que era Viena.

Quem escreve estas linhas teve a grande sorte de, durante alguns anos, ser discípulo do Professor Stefan, no Conservatório de Viena, e de ouvi-lo e admirá-lo como Mestre. E ninguém poderia adivinhar a este devoto aluno, sempre ansioso pelas classificações, que, depois de muitos anos de separação, viesse encontrar o Professor em Lisboa e hospedá-lo em sua casa.

Introduzi-lo nos círculos mais competentes de música local. Qual dos frequentadores da «Brasileira» do Chiado ainda se lembrará desse homem alto e interessante que ali ia, quase todas as tardes, conversar sobre música com Rui Coelho, F. Cabral, Wenceslau Pinto e outros?

Quis ouvi-lo, um dia, acerca da sua estadia em Portugal. E daí nasceu esta entrevista inédita, que só agora revelamos ao público.

— O senhor professor gosta de Lisboa?

— Estou cá um pouco mais tempo do que tinha calculado. E tenho imenso gosto nisso. Talvez mesmo me seja dado o prazer de ficar ainda mais um pouco. A cidade é encantadora; o sol de que tanto gosto, brilha aqui maravilhosamente, e os homens com quem tenho lidado são a personificação da amabilidade. Não são poucos, esses homens.

— É a primeira vez que vem a Portugal?

— Não... Já cá estive em 1933, para assistir a um Congresso Internacional de Críticos. Foi magnificamente bem impressionado.

— O senhor professor esteve agora muito tempo em Paris, não?

Paul Stefan, que regou também uma cadeira no seminário acadêmico de Max Reinhardt, em Viena, e que recebeu o título de catedrático «honoris causa», responde amavelmente: — Sim... E não me aborreci. Conheci muita coisa nova e fol-me dado agir como um dos conselheiros artísticos na Rádio do Estado.

Tive de fazer reportagens para vários jornais no estrangeiro. Além disso, ocupei-me de certos planos... Atalhámos imediatamente.

— Planos para novos livros? Ele sorri:

— Estão agora a tratar da tradução para português do meu livro sobre Schubert e a Viena antiga. Mas lá fora, nos últimos anos publicuel, entre os trabalhos de maior vulto, a biografia do compositor checo Dvorak, dois livros sobre «A Flauta Mágica» e «Don Giovanni» e ainda «A História de dois Mundos de

Ópera antes e depois de Mozart, a qual representa uma experiência absolutamente nova de falar sobre óperas. Por outro lado, menciono as minhas traduções de Táció, Verdi, Daudet, Theodor Dreiser e outros... Saíu também uma nova edição revista da «História da ópera em Viena»...

— E, para o futuro?

— Para o futuro, preparo entre outras um livro intitulado: «A minha experiência da música portuguesa».

— Que tal essa experiência?

— Encontrei aqui uma arte antiga e, apesar disso, jovem, cuja intensidade me comoveu profundamente, como também me comoveram os homens que a servem. A impressão mais forte tive dos antigos mestres do cimbalo que Santiago Kastner me tocou; ou da maneira como saias cheias acompanhavam conferências sobre temas complicadíssimos de música; ou dos concêrto radiofónicos sob a direcção de Pedro de Freitas Branco; ou de vultos como os maestros Viana da Mota e Luis de Freitas Branco; ou dum plano dum Ivo Cruz ou das idéias revolucionárias dum Lopes Graça; ou da

figura franciscana dum Fernandes Lopes...

E numa última pergunta: — Diga-me senhor professor alguma coisa sobre ópera?

— Direi que a velha-nova casa lisboeta de óperas é magnífica; assim como ela se apresenta hoje em dia, talvez um dos mais belos teatros da Europa. Mas...

— Mas?

— Devia haver entradas baratas. O povo fora da alta sociedade devia ter acesso e logo a qualquer pergunta sobre ópera popular, teria uma resposta inequívoca.

E assim terminou Mestre Paul Stefan a sua conversa connosco. Mas isto foi há muito tempo já, quando ele ainda estava em Lisboa e frequentava assiduamente a «Brasileira» do Chiado.

Hoje nada mais resta do que uma recordação. E uma obra, também. A vasta obra desse homem que ao lado do velho Julius Korngold — pai do compositor Erich Wolfgang Korngold — pertencia ao número dos mais importantes críticos musicais da Europa: os seus trabalhos sobre música e teatro são verdadeiras jóias da li-



Rosta Serrano numa das suas mais recentes criações, canta ao microfone para os admiradores de todo o mundo. Os anos passam — mas Rosta continua mais bela, mais tentadora e mais artista do que nunca...

teratura mundial. Por isso mesmo o mundo musical chora em Paul Stefan a perda dum das suas mais competentes autoridades.

M. DIESENBRUCK

## O NOSSO SENSACIONAL CONCURSO Qual a vedeta mais popular da nossa rádio?

Foi prorrogado por mais oito dias o prazo de entrega do cupão da 10.ª e última etapa — a etapa da vitória!

**P**OIS é verdade, leitores... Falta apenas saber o resultado dum etapa, a 10.ª e última, aquela que dará a vitória geral. Até lá, todos os concorrentes têm ainda uma possibilidade. Sim, que enquanto há vida, há esperança. Portanto, idênticamente, também, enquanto há Concurso... há votos para contar. E são os votos que hão-de decidir este sensacional e emocionante prêmio em que o público radiofónico vai eleger, por intermédio da «Vida Mundial Ilustrada», o artista mais popular da rádio portuguesa.

COMENTÁRIOS A 9.ª ETAPA É a classificação da 9.ª etapa nos primeiros dez postos:

- 1.º — Luís Picarra..... 504 votos
- 2.º — Maria Sidónio... 345 »
- 3.º — Maria Gabriela 299 »
- 4.º — Maria Hortense 202 »
- 5.º — Maria da Graça 128 »
- 6.º — Fernando Oliv. 51 »
- 7.º — Milly ..... 44 »
- 8.º — Curado Ribeiro 26 »
- 9.º — Graciete de Melo 22 »
- 10.º — Etlvetina Maria 19 »

Da análise à classificação desta etapa ressaltam imediatamente três factos importantes: a magnífica performance de Maria Hortense, que ainda há pouco se estreou na Emissora e que conseguiu logo de entrada um 4.º lugar; o incitamento dos admiradores de Maria Gabriela, que só agora parecem despertar... e a decisão que Maria da Graça está a sofrer de etapa para etapa...

Fernando de Oliveira e Milly voltaram a portar-se bem. A luta entre Curado Ribeiro e Graciete de Melo parece decidir-se, apesar de tudo, a favor da segunda...

CLASSIFICAÇÃO GERAL, Atenção, leitores. Vamos dar a classificação geral, na última etapa.

penúltima etapa. Se quiserem que o voto favorito triunfe, não hesitem. Mandem os seus votos, a tempo dele poder ganhar... a 10.ª etapa e o Concurso!

A classificação geral é, portanto, a seguinte:

- 1.º — Luís Picarra... 3.171 votos
- 2.º — Maria Sidónio... 2.437 »
- 3.º — Maria da Graça 1.713 »
- 4.º — Maria Gabriela 1.338 »
- 5.º — Graciete de Melo 568 »
- 6.º — Curado Ribeiro 470 »
- 7.º — Fern. de Oliv. 360 »
- 8.º — Oscar de Lemos 231 »
- 9.º — Maria Hortense 202 »
- 10.º — Milly ..... 141 »

É PRORROGADO O PRAZO DA ENTREGA DOS CUPÕES DA ÚLTIMA ETAPA

Em virtude de vários pedidos que nos têm sido feitos, o prazo de entrega dos cupões da 10.ª e última etapa — a da vitória! — é prorrogado por mais 8 dias. Isto é, os concorrentes poderão entregar os seus cupões até quarta-feira próxima, dia 10, às 18 horas. Resolvemos atender este pedido, cujo interesse nos parece geral, especialmente pelo motivo de muitos concorrentes serem da província e as suas cartas chegarem muitas vezes com atraso. Deste inconveniente tem resultado alguns deles não terem podido ser contados nas etapas precedentes. Como neste concurso temos procedido com a maior lisura e correcção, pondo intencionalmente de parte qualquer gesto ou atitude que pudesse ser levado à conta de parcialidade ou favoritismo, damos assim possibilidade a todos os concorrentes — mas a todos! — de poderem participar do concurso votando com a suficiente margem de tempo nas suas artistas favoritas! A nossa preocupação é só esta: que quem tiver mais votos! E como não basta afirmar, é também preciso provar, desde já fica expressa formalmente a declaração de que, após o encerramento do concurso, todos

os cupões ficarão à disposição dos concorrentes para serem devidamente controlados.

OS PRÉMIOS

São seis, oficialmente, os prémios do nosso concurso. São eles: 1.º — Um magnífico aparelho de telefonia «Paillard», a grande marca suíça. 2.º — Um relógio de pulso para senhora, «Longines», (em estójo), uma das marcas mais famosas do mundo. 3.º — Um belo serviço de «toilettes» em cristal da Boémia. 4.º — Uma coleção de perfumarias «Jour de Noels». 5.º — Uma caixa de 12 garrafas de vinho do Pôrto «Ramos Pinto», oferta dos seus representantes em Lisboa, a Sociedade Comercial Ermidas Farrelra, Ltd., Travessa do Corpo Santo, 10. 6.º — Uma caixa de 12 garrafas do vinho do Pôrto «Ferrelrinha», também oferta do seu agente no sul, Francisco Faure, Praça D. Pedro IV, 93.

Todos estes valiosos prémios estiveram até há dias em exposição na mostra da casa Sasseti, na Rua do Carmo, onde foram admirados por milhares de pessoas. A essa casa, editora das músicas de maior êxito das vedetas da nossa rádio, compre- nos significar publicamente o nosso agradecimento pela deferência feita para com a nossa revista.

Como temos anunciado por diferentes vezes, estes prémios serão sorteados entre os votantes dos seis artistas primeiros classificados. Este sorteio será feito publicamente na presença dos concorrentes que a ele desejem assistir. A maneira como esse sorteio será feito será tornado público num dos nossos próximos números. Também em breve anunciaremos ao público o programa da festa da rádio que vamos promover nas casas de espectáculos de Lisboa para consagração dos seis artistas mais populares da nossa rádio. Esse programa — podemos afirmá-lo desde já — será verdadeiramente sensacional.



# PASTA MEDICINAL

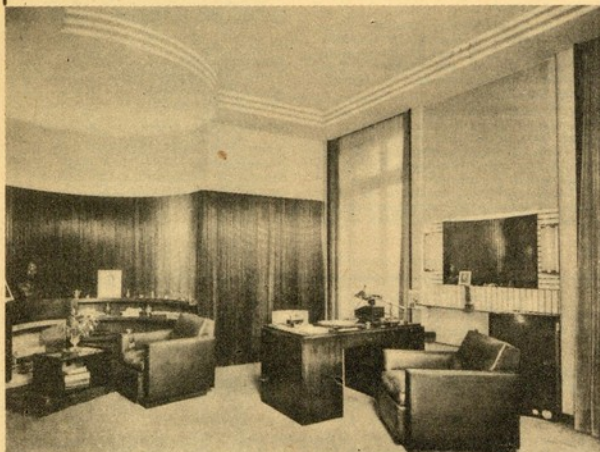
*Couto*  
*Evita as doerças da boca*

## Sabe alguma coisa de cinema?

Respostas ao «test» da página 11

1. — Joan Crawford.
2. — Joan Fontaine e Olívia de Haviland.
3. — Nat Pendleton.
4. — Sara Haden.
5. — Dr. Comandon.
6. — Sombras Brancas.
7. — Fritz Lang.
8. — De doença súbita.
9. — Jackie Coogan.
10. — Alexandre Korda.

## Tanel — Móveis • Decorações



RUA DA PALMA, 95-107

LISBOA

TELEFONE: 2 7884

## ARTIGOS DE ARTE E ANTIGUIDADES



JOSÉ FAUSTINO RIBEIRO, L.<sup>o</sup>

Praça Luiz de Camões, 37-39

Telefone 23260

## UM LIVRO EMPOLGANTE

# FUGIU UMA ESPIA...

Por CHARLES BERRY

VERSÃO LIVRE DE GENTIL MARQUES

1 VOLUME DA COLEÇÃO

## «OS GRANDES ROMANCES DA GUERRA»

HISTÓRIA AVENTUROSA DE UMA ESPIA RUSSA: DRAMATISMO, MISTÉRIO, EMOÇÃO!



À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS DO PAÍS

Pedidos directos: VIDA MUNDIAL EDITORA, L.<sup>da</sup>

RUA DA EMENDA, 69, 2.<sup>o</sup> — LISBOA

## Um grande acontecimento literário

# «O JAPÃO

NA HISTÓRIA, NA LITERATURA E NA LENDA»

um livro notável de CÉSAR DOS SANTOS



«O Estudo mais completo que até hoje se tem escrito sobre aquêle país».

(«Diário de Lisboa»)

Tôda a história das ambições imperialistas do Japão — A literatura e a psicologia dos japoneses — A influência dos portugueses e de outros povos na civilização nipónica — A odisseia de cristãos e missionários — O drama do inglês Lafcádio Hearn e de Wenceslau de Moraes, etc.

Um grande livro que deve figurar em tôdas as bibliotecas!

Um grosso volume de cerca de 500 páginas — Esc. 20\$00

A venda em tôdas as livrarias

Pedidos directos:

VIDA MUNDIAL EDITORA, L.<sup>da</sup>

Rua da Emenda, 69, 2.<sup>o</sup> Lisboa

## IMPRESSÕES DE UMA RECEPÇÃO FIDALGA

**N**A sexta-feira última, o Atlético Clube de Portugal convidou os representantes da Imprensa a visitar a Secretaria, na Calçada de Santo Amaro, para lhes agradecer a colaboração e apoio prestados nas primeiras horas da vida do clube, como os incentivos espontâneos e desinteressados, trazidos a lume, durante a trajectória do Campeonato Nacional de Futebol, — e ainda para lhes dar conta de um ante-projecto do futuro Estádio da Tapadinha.

Quere dizer: o Atlético, no momento em que agradece o que lhe não foi feito por lisonja, leva os jornalistas a terem que lhe render com incondicional e sincero entusiasmo, outro preito de admiração. É o que se chama saber jogar bem — e com a-propósito!...

O futuro Estádio da Tapadinha, tendo como base o que actualmente existe, será uma obra de projecção incalculável para a vida do Atlético. — uma agremiação que chegou, viu e venceu, mercê dum «bloco de quere», que a couraçon contra tódas as tempestades, muito principalmente contra as «sinfonias ventosas» que sopram de muitos lados e correm em tódas as direcções!... O ante-projecto, da autoria do sr. engenheiro Travassos Valdez, dá-nos, amanhã, uma Tapadinha de linhas inteiramente novas, bem delineadas, bem preconcebidas, atendendo quanto possível (e foi possível obter tanto...) às exigências da prática de várias modalidades.

Lá veremos pista de atletismo. Lá encontraremos uma piscina. E por aí fora: um ginásio amplo, anexo ao Estádio, salas de tratamentos, de árbitros e fiscais de linha, cabinas arejadas e desafogadas, um salão de restaurante magnífico e lugares para os jornalistas. A bancada será coberta, sendo o problema do acesso ao campo difícil de vencer. Mas encontrou-se solução, que depende no entanto de próximas deliberações camarárias.

A rematar tudo isto, capacidade para mais de 20.000 pessoas, outro «milagre» feito pelo engenheiro autor do ante-projecto, que esgrimiu durante bastante tempo, contra a opinião, mesmo dos mais optimistas, que não acreditavam na possibilidade de acomodar vinte mil almas. Elas lá estão! — no próprio dizer do engenheiro!...

O Atlético, — tódá a Direcção e os membros da Assemblia Geral, — recebeu fidalgamente os seus visitantes. Ratificou uma politica de aproximação que só trará benefícios ao clube e à causa de que é importante partícipe.

Falou Paiva e Silva, um presidente de direcção, que congraca em seu redor núcleo valioso de colaboradores convictos: Discurso pequeno para traduzir uma idéia grande. Não era preciso mais. Os homens da pena ouviram e responderam ao Atlético que a garantia melhor da sua propaganda estava exactamente na consciencia do trabalho a produzir! Pela nossa parte, duas palavras mais, a juntar às que na simpática reunião pronunciamos: «Aqui estamos!»...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA



Plaza de toros de Valência, onde se disputou o Espanha-Eslováquia em «box»

## Espanhois, húngaros e eslovacos

### Pretendem defrontar os amadores portugueses de box!...

#### O QUE NOS DISSE O ÁRBITRO PORTUGUÊS FERNANDO SERÓDIO

**J**á o ano passado, Fernando Caballero y Seródio, português nato, mas de ascendência espanhola, fôra convidado a dirigir o pleito de «box» Espanha-Hungria. As críticas de então foram o mais possível favoráveis ao trabalho de Fernando Seródio. Abriam-lhe caminho para novos convites e assim não surpreendeu que há três semanas a Federação Espanhola de «Box» o solicitasse para arbitrar o encontro Espanha-Eslováquia, que se disputou em Valência, na sua majestosa Praça de Touros.

Uma vez mais, Seródio marcou de maneira indiscutível a sua posição, agradando sem reservas a vencidos e vencedores e, recolhendo o unânime favor do público.

Seródio regressou, há dias, encantado com o acolhimento e sobretudo com a felicidade da sua actuação. Conhecedor profundo da modalidade, técnico, antigo praticante da «nobre arte», ao seu estudo tem dedicado grande parte do seu tempo. Cá na terra, como é vulgar, deprecia-se sempre o valor dos que realmente valem alguma coisa. É preciso sair as fronteiras, para então, com a opinião dos outros, se aceitar de boa-vontade, o que de há muito à vista está.

Fernando Seródio conquistou, por mérito próprio, o título de primeiro árbitro português Internacional de «box». Num meio onde o pugilismo não passa de uma encantadora «blague», é interessante assinalar-se um triunfo ruidoso, ao menos no capítulo «arbitragem». Não nos parece pois, exagerado, dizer que Fernando Seródio está de parabéns. Que terão possivelmente continuado, a deduzir das suas palavras:

— O convite já estava feito desde o ano passado, após o Espanha-Hungria. Da mesma forma, me foi agora solicitado o concurso para dirigir o Espanha-França, que deverá realizar-se em Sevilha, Barcelona ou Paris.

— De quantos combates constava o encontro?  
— De oito, um em cada categoria.  
— Impressões?...

— As melhores, francamente. Duma maneira geral tódos os combates foram bem disputados. Bravura, técnica e ímpeto dos espanhóis. Serenidade e valentia dos eslovacos.  
— O resultado de 15-8 traduz a superioridade dos espanhóis?

— Absolutamente. Em todos os combates os espanhóis se evidenciaram, patenteando uma preparação física bem cuidada, boa esgrima e técnica, consequência da especial atenção e carinho que a Federação Espanhola dedica ao pugilismo amador.

Uma opinião que se antecede a uma pergunta nossa:

— É certo que o pugilismo amador em Portugal está em marasma. Por isso, afigura-se-me difícil que possamos corresponder aos desejos manifestados pelas Federações espanhola, húngara e eslovaca, de medir forças com os portugueses. Todavia, se se fizesse uma preparação consciente, podíamos corporizar a idéa. Inicialmente para estímulo e aprendizagem. Porque, em relação à Espanha, pensar numa vitória era impossível. Os seus amadores são bem melhores

do que alguns dos nossos profissionais. O estudo do assunto não me compete. Quem de direito que aproveite o alvitre, se entender.

— Na sua opinião, qual o melhor amador espanhol?

— Luís Santiago, actual campeão de Espanha.

— Resposta curiosa — e serena:...

— Bastante e isso honra-me muito. Não discuto o meu valor, mas a verdade é que os espanhóis o reconheceram, pois sempre que subia ao «ring» era para mim a maior ovação. Exercei as funções de juiz-árbitro neutral, assistido fora do «ring» por dois juizes: um espanhol e outro eslovaco.

— O público?

— Desportivo e educado, cem por cento, como agora se diz. Durante o decorrer dos combates, ao contrário do que acontece entre nós, não se ouviu um protesto. O árbitro é soberano e as suas decisões acatadas sempre com um incondifundível respeito. O público sabe ver «box» e reconhece que um árbitro a quem foi confiado esse espinhoso cargo, é competente. Interessa-lhe apenas que ganhe o melhor. Recebi dêle e das entidades desportivas, as mais sentidas manifestações de simpatia. Nos banquetes oferecidos, entre os inúmeros brindes individuais, nunca foi esquecido o nome de Portugal, do qual eu era o seu único e modesto representante. Também, na distribuição dos prémios, entre as valiosas lembranças para a turma vencedora, para cada um dos pugilistas, para os preparadores e ainda para os pugilistas que mais se evidenciaram, lá havia uma para mim!

E a entrevista acaba de uma forma curiosa e inesperada para o entrevistador a quem o entrevistado pergunta:

— Posso saber a razão porque, entre tanto jornal que dedica a sua atenção ao desporto, só a vossa revista se interessou por este caso?

### DAQUI E DALI

Do livro «Futebol — divulgação das suas leis» trabalho magnífico do nosso ilustre camarada capitão Ribeiro dos Reis, ao qual, noutro sector da nossa actividade, já tivemos ensejo de largamente nos referir. *Transcrevemos o nono «pensamento», de dez insertos a páginas 19, 20 e 21, e que bem merecem ser meditados por quantos se interessam pelas coisas desportivas.*

Reza assim:  
«Os relatórios do árbitro têm de ser a expressão exacta da verdade. As faltas cometidas pelos jogadores têm de ser relatadas com tódá a propriedade e sem termos vagos ou ambíguos que se prestem a duas interpretações, não habilitando sufficientemente quem tenha de aplicar as sanções regulamentares e dando assim lugar a manifestas injustiças.»

«Uma informação pouco clara, tanto pode beneficiar um culpado, como culpar um inocente.»

A actualidade destas palavras é flagrante.



Na opinião de criticos ingleses,

nunca num desafio de futebol se reuniram personalidades tão illustres, como no prélio Inglaterra-Eslováquia, ganho pelos britânicos por 6-2, depois de uma óptima demonstração de bom futebol. Da direita para a esquerda: General Montgomery, rainha Isabel, rei Jorge VI e a Rainha (separados por um oficial), e o rei Haakon, da Noruega. Estavam também presentes Attlee, «leaders» da opposição e Ernest Bevin, ministro do Trabalho.

Em baixo: um tento inglês, marcado pelo famoso extremo-direito Matthews.



*Ainda vive!  
Mora no teatro!  
Calmam dos artistas!*

eis o que escreveu uma actriz alemã na ombreira da porta da sua residencia, destruída por um ataque de terror dos anglo-americanos. Como ela, tantos artistas e homens de ciência, perderam nos últimos tempos o seu lar. Teatros, igrejas, bibliotecas, institutos de toda a ordem, universidades e clínicas foram destruídas pelas bombas ou pelos incêndios. Entretanto; a vida segue. A cultura alemã persiste em pequenas salas adaptadas à pressa. Funcionam os teatros, continuam as aulas das universidades. Da maneira como a cultura Alemã sobrevive ao terror aéreo, relata uma notável reportagem gráfica do n.º 5 da grande revista europeia

# SINAL

SINAL — Reportagem das frentes de batalha, leitura recreativa e abundantes ilustrações — em toda a parte por Esc. 2\$00 ex.

LEIA TODOS OS SÁBADOS

## VIDA MUNDIAL

Um jornal que vale  
por muitos jornais

Documentário da Imprensa de todo o Mundo

Visite a Casa Triunfante, L.<sup>da</sup>

onde encontrará um grande sortido de drogas e perfumarias e anexo uma secção de calçado de luxo, para senhoras, homens e crianças.

RUA DA PALMA, 232-234

Telefone 21754

## Espectativa e decepção

(Continuação da pág. 14)

tónio Correia que, integrado na «quadrilla» de Gregório, esteve colossal, bregando com rara intuição, sempre no lugar em que devia estar e duma oportunidade impressionante.

Houve uma rijissima pega que muito se aplaudiu.

Dos sete toiros que se correram, apenas um era bom — o 2.º, de Gregório. Os outros, difíceis e maus, e um deles indesejável.

JAIME DUARTE DE ALMEIDA

## A BOLSA DO LIVRO

Praça de D. João da Câmara, 44.º  
LISBOA TEL. 2 8470

compra, vende troca,  
emprêsta e leilão  
livros em todo o país.

Informações bio-bibliográficas, etc.

Única organização  
no seu género



SE V. EX.<sup>A</sup>  
POSSUI UM  
RADIO - GRAMOFONE  
OU DISCOFONE

## HIS MASTER'S VOICE

oferece-lhe um programa de MÚSICA CLÁSSICA, escolhida entre as melhores gravações:

**BEEHOVEN** — Sinfonia n.º 4 em si bemol *Toscanini* e Orq. sinf. da B. B. C.

**BRAHMS** — Concerto n.º 1 em ré menor (Piano) *Schnabel* e Orq. filarmónica de Londres.

**CHOPIN** — Baladas (Piano) *Alfred Cortot*.

**HAYDN** — Sinfonia n.º 92 (Londres) *B. Walter* e Orq. de Concertos do Conservatório.

**HAYDN** — Sinfonia n.º 96 em ré maior *B. Walter* e Orq. filarmónica de Vienna.

**MOZART** — Concerto em dó maior (Piano) *Schnabel* e Orq. sinf. de Londres.

**RIMSKY-KORSAKOV** — Scheherazade (Suite sinfónica) *Stokowsky* e Orq. de Filadélfia.

**SIBELIUS** — Sinfonia n.º 5 em mi bemol *Konsservitzky* e Orq. sinf. de Boston.

**TCHAIKOWSKY** — Sinfonia n.º 6 (Patética) *Furtwängler* e Orq. filarmónica de Berlim.

Peça uma audição nos  
Est. Valentim de Carvalho  
Rua Nova do Almada, 97



## APRENDA RADIO

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil. Peça folhetos grátis à

ACADEMIA NACIONAL DE RADIO

AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12

PORTO



Uma defesa permanente contra as bactérias e um  
dentes: são e holes terá V. Ex.ª na boca se usar:

# Sulfadentina

A 1.ª Pasta Dentífrica com Sulfamida



A tratar do seu bebé...



...ou na cozinha...



...esperando o marido...



...ou no seu gabinete de trabalho, à secretária, escrevendo ou desenhando, sem estragar as mangas do seu vestido.



## A RECEITA DA SEMANA

ROSQUINHAS DE SANTA CLARA

Seis gêmeas de ovos; 1 ovo inteiro; 300 grs. de açúcar; 100 grs. de manteiga; 5 grs. de levedura; 1 copinho de anis; 450 grs. de farinha.

Põem-se num recipiente, as gêmeas e os ovos com o açúcar, batendo-se bem, durante dez minutos. Junta-se-lhe depois 400 grs. de farinha, a manteiga derretida, o anis e a levedura. Amassa-se com uma espátula de madeira durante quinze minutos para obter uma pasta fina. Sobre uma tábua polvilhada de farinha coloca-se a pasta obtida e enrola-se com as mãos formando cilindros da grossura de um dedo e que se cortam com o comprimento de 15 centímetros. Depois enrolam-se os cilindros em forma de rósca, colocando-os numa folha de latão, untada com manteiga. Deixa-se descansar durante quarenta minutos e vai ao forno com fogo brando, até adquirir uma cor dourada.



## Correspondência

**LISBOETA REBELDE** — A vossa resposta ao nosso 2.º inquérito estava boa, mas não chegou a tempo de ser publicada.

**EDELWEISZ** — Pórtor — Verifico com satisfação que o vossso nome figura em todas as respostas aos nossos inquéritos. Este facto demonstra não só uma persistência que me é simpática, mas ainda a boa qualidade da resposta, permitindo-lhe encontrar-se sempre entre as escolhidas. Os meus parabéns.

**MARIA ROSA e RAPARIGA MODERNA** — Quero, também, dizer-vos quanto estou grata pelo interesse tomado pelos nossos inquéritos. Infelizmente as vossas respostas não têm sido todas publicadas «apenas» por serem muito extensas.

**MARIA ADÉLIA** — Muito obrigada pelas vossas felicitações e votos simpáticos.

M.

Brevês notas sobre

## Katherine Mansfield!

**E**M Fontainebleau, numa comunidade fundada por religiosos russos, pouco antes de morrer ela escreveu:

«Quero ser pura e transparente como cristal!...»

Grande pensamento para uma vida tão curta, que, aos poucos, se evolava! Forte anseio de alma num corpo tão frágil! Desejo belo, sincero, da mulher que perdiera a vida para a encontrar.

Foi ela, Katherine Mansfield — seu nome literário! Desde muito jovem que acentava um grande sonho. Sonho que era ansiedade. Ansiedade que a consumia: escrever!

Tinha cadernos e cadernos cobertos de notas:

«Estou cheia de idéias esta noite. É preciso que elas germinem. Gostaria de escrever qualquer coisa de belo, qualquer coisa de moderno, de pleno verho...»

Mas vinha depois o desalento na ansia insatisfeita de fazer melhor, sempre melhor:

«Não, não posso escrever nada; tenho idéias mas não conheço a fundo nenhum assunto. Queria escrever alguma coisa que fosse um pouco misteriosa, mas, na verdade, muito linda, muito original».

Nasceu na Nova Zelândia em 1888. Mas aos vinte anos foi instalar-se sózinha em Londres — cidade para ela muito querida.

Tinha três irmãs e um irmão a quem adorava como a mais ninguém na família. Casou duas vezes. Primeiramente com um professor de canto e, por último, com o jovem escritor John Murray. Mas do primeiro casamento foi infeliz, abandonando o marido alguns dias depois. Seguiu-se um período de solidão que a fez escrever no seu diário: «Sinto-me como uma criança amedrontada diante dum cortejo fúnebre».

Começou a escrever: Novelas curtas, repassadas de sinceridade e de prosa simples. Todavia, nessas novelas tão boas que o tempo continua poupando — o que infelizmente nem sempre acontece — os editores dessa época não viram o interesse que elas continham e Katherine Mansfield viu-se incompreendida. Foi então que dois casos importantes aconteceram na sua vida: o encontro com a extraordinária Virginia Woolf, que soube compreender e editar os seus trabalhos, e a morte do irmão — vida jovem ceifada pela guerra. E Katherine, cheia de saúde, começou então a recordar, por intermédio das suas novelas, a sua infância em Nova Zelândia.

E ela própria que nos diz, de novo, através do seu diário:

«Há muito que a vida para mim estava acabada, mas nunca o havia claramente compreendido ou não tinha querido reconhecer antes da morte de meu irmão. Estou tão morta quanto é! O presente e o futuro nada significam para mim. O único valor que as coisas podem ter, é lembrar-me o que aconteceu quando ele estava vivo».

«Agora tenho vontade de escrever recordações do meu próprio país. Sim, quereria escrever até ter esgotado tudo o que sei...»

«E depois, tenho vontade de escrever poesias... os pássaros do bosque em que ficavas, meu querido, as flores que não vêm mais... os momentos em que a tua fotografia me parece tão triste!...»

E Katherine Mansfield continuou a escrever novelas onde recordava os seus tempos de menina, dando-se ao leitor em cada uma das suas personagens. Então, principiaram os sucessos de livraria. Mas... a sua vida estava quasi no fim. A tuberculose minava-a com voracidade. E Katherine morreu aos trinta e quatro anos deixando-nos como herança «Garden-Party», «Bliss» e poucas coisas mais onde palpita uma verdade profunda. Poucas, é certo, mas que chegam para firmar o nome de Katherine Mansfield entre os maiores novelistas universais. Talvez, mesmo, ao lado dêsse extraordinário Tchekoff, que Katherine nunca conheceu mas que adorava como a um ídolo. No seu diário, há páginas e páginas que lhe são dedicadas:

«Ah! Tchekoff! Porque morreste? Porque não te posso falar? Que bom seria que estivesse vivo, amigo Tchekoff! Poderíamos conversar a noite inteira!»

E dela, ainda, esta confissão, numa carta:

«Para me fazer companhia só tenho a sombra de Tchekoff!»

Sombra que a acompanhava sempre pela vida fora e mesmo para além da morte! Katherine partiu, decerto, a procurar nos mistérios insondáveis da eternidade, a companhia do irmão e do homem que escolhera para ideal amigo: Tchekoff!



## OS NOSSOS INQUERITOS SEMANAIS

### 3.º Inquérito: Felicidade no lar!

**M**ANTEM-SE o êxito das primeiras semanas. A redacção continua chegando muitas cartas trazendo respostas aos nossos inquéritos — infelizmente, nem todas publicáveis. E digo infelizmente, porque gostaria que as minhas leitoras pudessem observar tantas opiniões, por vezes bem diferentes.

Do 3.º inquérito, publico oito respostas, também por ordem alfabética.

«A verdadeira qualidade para a boa harmonia de um casal reside na lealdade. A nossa alegria e confiança em presença de um ser leal, foz com que vejamos o mundo do nosso lar, sob conjunto espiritual, lógico, corrente e harmónico, sempre afastado do édos triste da vida vulgar. A mentira — como palavra já de si repugnante — é causadora de quasi todas as separações.

A verdade na beleza de duas vidas deve ser sempre posta acima de tudo; tomada em si mesma, sem o apoio que mutuamente presta, é valor muito instável.

EDELWEISZ

«A melhor qualidade para a boa harmonia de um casal é, sem dúvida, a mútua compreensão de idéias.

A pior qualidade — é o ciúme. Este sentimento nefasto tudo estraga e tudo arrasta consigo: amor, confiança e dignidade.»

FERNANDA MARIA

«Julgo que, para existir harmonia num casal, é necessário haver uniformidade de ideais entre os consortes. Porém, a incompatibilidade, será o suficiente para destruir o bem-estar, a felicidade, tão preciosos na vida conjugal.»

MARCIA ELISA — PORTO

«Para a felicidade no lar considero como qualidades indispensáveis: no homem — inteligência suficiente para compreender que a esposa é uma companheira e não uma escrava; na mulher — saber manter a sua beleza, ser fiel e de obediência rápida ao marido.

Como pior defeito, capaz de separar dois entes, considero: deficientes e fictícias declarações de os cônjuges prestarem entre si, enquanto namorados.»

MARIA A. FERREIRA — BRAGA

«A felicidade no lar, é toda ela constituída de pequeninas partículas de bom-senso que, reunidas, formam a virtude da Espósa e da Mãe! E se o lar é o reino da mulher, cabe-lhe o dever de se preparar diligentemente, para o seu belo e sublime reinado de conjugal.»

(Continua na pág. 24)

## No reino da moda

# Um novo atelier de Alta Costura da Moda de Paris

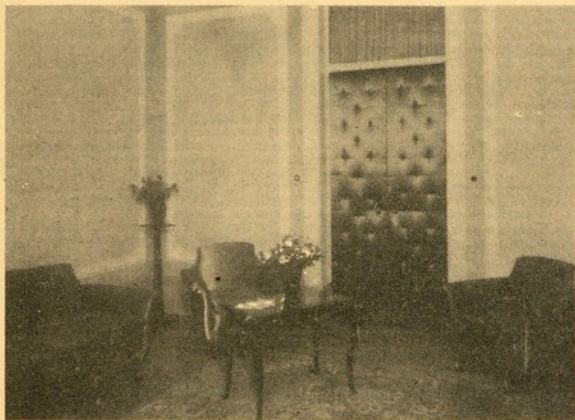
Nesta abertura da estação primavera-verão, o mundo feminino elegante de Lisboa pode dizer-se que goza de um privilégio único na actualidade: como poucas outras mulheres, as portuguesas podem admirar as belas mostras das lojas de modas e novidades, adornadas dos mais lindos figurinos, enquanto os melhores «ateliers» de alta costura apresentam ainda às suas gentis clientes os últimos modelos das várias capitais da moda.

Assim o mundo feminino não tem motivo de se queixar no que se refere à elegância, pois Lisboa continua a manter foros de capital que sabe vestir-se. Ao contrário das mulheres dos outros países, o mundo feminino de Lisboa pode escolher os artigos de moda que quer. E para satisfazer o bom gosto e a «coquette» das mulheres, o que não é capaz de fazer-se?

A moda não pára, e neste esforço de competição entre as melhores casas de Lisboa, que já não podem invejar as das outras capitais, sur-



Modelo «Casino»  
GABY COUTURIER



Um canto dos salões de GABY COUTURIER



Modelo «Midi-Minuit»  
GABY COUTURIER

gem novos estabelecimentos, distinguindo-se com criações de modas sempre mais finas e originais. Num dos últimos dias, Lisboa assistiu à abertura dum novo «atelier», o de «Gaby Couturier», Rua Braamcamp, 6, que, como foi anunciado na Imprensa, fêz nos seus salões, instalados com graça e elegância, a apresentação de «modèles du plus grand goût parisiens». Apresentamos nas nossas colunas alguns desses modelos que tivemos o prazer de admirar, e fazêmo-lo porque estamos convencidos de que este magnífico «atelier» vai marcar o mais alto e brilhante lugar no nosso mundo de elegância. Para tanto lá está Gaby e, a seu lado, uma cultora da alta costura parisiense — Sarah — que dá a melhor contribuição para o prestígio deste distinto estabelecimento.

## INQUÉRITOS SEMANAIS

(Continuação da pág. 23)

harmonia, amor e inteligência!... Pobre do lar que não possui a luz da inteligência a dirigi-lo, a iluminar a caminhada áspera da vida, caminhada que sendo levada com paz nas almas e um nobre ideal nos corações, pode tornar-se ampla estrada de ventura eterna!

Quadro desolador! — os destroços de lares que poderiam ser felizes, se ambos os cônjuges compreendessem qual a sua missão na terra! O amor, por si só, não basta para a felicidade dum casal. O respeito mútuo, a confiança e a virtude máxima de saber desculpar os defeitos do seu semelhante, são alterações indispensáveis para a construção dum novo lar. Compete à esposa tomar a peito a missão que Deus lhe confiou e, no entanto... é quasi sempre da sua friabilidade, do seu excessivo amor pelo luxo — defeito grande entre os maiores — que provém a ruína do que devia ser por toda a vida, o seu pequeno e sagrado mundo!...

MARIA ROSA

«A qualidade indispensável para que dentro de um lar reine sempre harmonia, consiste na boa compreensão ligada à educação, pois só assim se poderão desculpar mutuamente, visto não ser possível encontrar um ser perfeito sobre a terra. Assim como o pior defeito, capaz de separar dois entes que Deus parecia ter unido, creio, ser a falta de confiança. Desde que ela se apodere de qualquer coração, esse amor que talvez lhe iluminasse a vida, vai diminuindo, chegando por vezes à indiferença».

MI-FA

«Preguntam qual a melhor qualidade para a boa-harmonia dum casal? Sensatez aliada à educação. Sem elas, será absolutamente impossível haver harmonia, embora exista uma afeição sincera e profunda».

Quanto ao pior defeito, é sem dúvida a levandade. Se o casamento une dois entes, como podem essas

vidas continuar unidas com a certeza de que alguém vive entre elas? É este o grande mal e que, infelizmente, tantas e tantas vezes destrói vidas!...

MILITA — LISBOA

«Para a boa harmonia no lar, é necessário inteligência de parte a parte. Sem ela, não haverá compreensão e, portanto, surgem os defeitos tão próprios da condição humana. Defeitos que se vão expandindo sem que haja um gesto a reprimir esses males. E desses defeitos — de efeitos, por vezes, terríveis — avulta para mim como o pior — o hediondo egoísmo! É ele a base onde se empilha tanta coisa má. É ele o nosso pior inimigo, bem contra as aparências!...

Quanto à melhor qualidade, quero parecer-me que não encontrarei outra tão bela como a lealdade».

RAPARIGA MODERNA



### NOTA DA MODA

Uma exposição de modelos de vestidos e chapéus, últimas criações de Madrid e Barcelona

As senhoras de Lisboa têm as suas exigências no que respeita a modas, porque têm bom gosto e sabem que as mulheres lá de fora ditam modelos e impõem a moda. E para estar sempre ao corrente dos últimos ditames, nada há como a passagem de modelos. Por isso o Instituto Carmel, Avenida da Liberdade, 204, r/c., resolveu satisfazer o pedido das suas distintas e gentilíssimas clientes, promovendo na sexta-feira, 5 do corrente e nos dias seguintes, pelas 16 horas, uma exposição dos últimos modelos de vestidos e de chapéus, autênticas criações das grandes capitais da moda que são Madrid e Barcelona.

Esta exposição vai constituir um dos acontecimentos do mundo elegante da nossa capital e pelos magníficos salões do Instituto Carmel vão certamente passar as senhoras mais distintas de Lisboa.

### Escola de Corte, Costura e Chapéus M.<sup>me</sup> JUSTO

Sede, Direcção e Secretaria: R. de S. Lázaro, 127, 1.º (Frente à Maternidade Magalhães Coutinho)

A melhor e mais frequentada de todo o País — As senhoras chics devem usar os modelos de chapéus da M.<sup>me</sup> Justo. Estes modelos são executados pelas suas alunas, mas sob a orientação técnica de M.<sup>me</sup> Justo

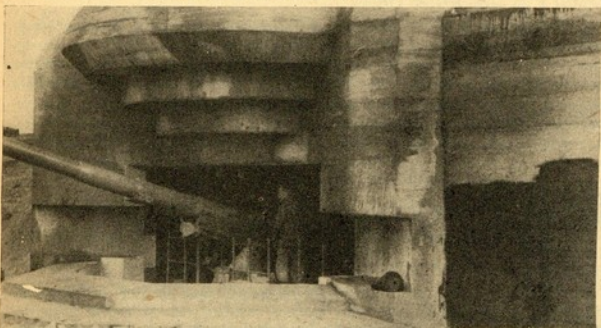
# NOTAS DE GUERRA



Pode dizer-se que a batalha de Cassino ficará como uma das mais impressionantes desta guerra. As tropas, de parte a parte — já repararam que não se fala, actualmente, da campanha de Itália? — usaram de processos duros de combate, para a conquista de uma região que a História dominava. Algumas dezenas de divisões americanas atacaram Cassino que estava defendida com igual energia pelos pára-quadistas alemães. O que uns e outros fizeram — prova-se com a impressionante foto junta.



A senhora Henry H. Arnold, esposa do general Arnold, comandante das Forças Aéreas dos Estados Unidos, foi a madrinha de um navio-transporte. Aqui a vemos, no momento em que o barco era lançado à água, num estaleiro da costa oriental. Ao lado da senhora Arnold, está o general Brehon Somervell, comandante da Army Service Forces.



O golfo da Finlândia volta a ser um pórtio sério no tabuleiro geral da guerra, dado que mais uma vez se malograram as negociações russó-finlandesas. Aqui está uma peça de D. C. A. ligeira alemã, a proteger aquêl importante ponto estratégico.



Eis seis mulheres do Exército Feminino Polaco que tem sido treinado na Grã-Bretanha e no Médio Oriente. Estão agora de visita aos centros do Corpo do Exército Feminino dos Estados Unidos, onde visitaram, como a foto mostra, a esposa do Presidente Roosevelt. A seu lado, vêem-se Oreta Culp Hobby, directora do Exército Feminino Americano, com o posto de coronel, e Irene Grodzka, comandante do grupo polaco, com a patente de capitão.

# FIGURA DA VIDA MUNDIAL



MAURICE MAETERLINK — Nasceu na Bélgica — na cidadezinha de Gand — esta grande figura da literatura universal. Mas, quando nasceu? Os registos biográficos dizem que foi em 1862, mas os admiradores de o autor do «Teseiro dos humildes» dizem que ele não tem mais de 30 anos, tal a frescura, a graça, a originalidade que põe em cada novo trabalho. Maeterlink foi também um dos grandes que passou por Portugal e não ficou para criar entre nós as primícias do seu talento. Muitos meses esteve em Lisboa e aqui escreveu «O padre Setúbal» uma peça que não teve o êxito que a expectativa criara. Hoje, Maeterlink vive na América a reler as suas obras e a debruçar-se na «Vida das Abelhas», procurando nelas o exemplo para os homens.

(Caricatura de SANTANA)

# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

\* por Carlos Ferrão \*

## Capítulo XXV - A campanha africana

### UMA VITÓRIA APRECIÁVEL

DECORRIDO um ano sobre a corrida de Wavell no deserto, os ingleses, sob o comando de Auchinleck, percorriam o mesmo caminho. Não era uma vitória decisiva, como a experiência do ano anterior demonstrara. Mas era uma vitória apreciável pela importância dos resultados imediatamente colhidos e pela extensão das lições recebidas.

Nesse resultado avultava, essencialmente, o aspecto político. Conseguindo-o, numa altura em que a causa das Nações Unidas atravessava uma crise séria, a Grã-Bretanha creditava-se duma contribuição preciosa para o esforço comum. A vitória no deserto chegava no momento em que os russos faziam esforços desesperados para defender Moscovo, depois da série de vitórias da Wehrmacht e quando os japoneses mostravam o seu grau de preparação para a guerra com o golpe de Pearl Harbour.

Era como que uma compensação para os reveses sofridos na frente leste e para o desastre que se registara no Pacífico. Não só se tornava evidente que o balanço geral da guerra não podia ser aquilutado pelo que se passava num teatro restrito de operações, mas confirmava-se a impressão predominante, depois da batalha aérea do verão de 1940, de que a Grã-Bretanha conseguira ultrapassar o período do desarmamento quasi integral e se tornara uma grande potência militar.

Esta impressão correspondia e ajustava-se às realidades. Embora se tratasse duma campanha colonial, a verdade é que ela forçara os alemães a enviar para o continente africano tropas que, se não eram numerosas, eram de primeira qualidade pelo carácter do seu adiestramento e pela excelência do material que utilizavam. Ao contrário do que acontecera, portanto, durante a primeira campanha da Líbia, as forças britânicas tinham, nesta segunda campanha, defrontado vitoriosamente forças alemãs de grande classe.

Este facto, que não se registava desde a campanha da Grécia, deu novos motivos de confiança aos que acreditavam que, uma vez adestrados e equipados, os ingleses no campo de batalha seriam capazes de defrontar a Wehrmacht, onde quer que essa tarefa se tornasse necessária, o que parecia uma temeridade por ocasião dos desastres de Dunkerque e da Grécia.

### O PAPEL DA ESQUADRA

Mas eram sobretudo os serviços apreciáveis da marinha de guerra e da R. A. F. que avultavam na vitória local que as forças britânicas tinham conseguido alcançar, além da revelação dos seus carros blindados recentemente produzidos em escala razoável, depois dum esforço sem precedentes da indústria de guerra da Grã-Bretanha.

A Marinha de Guerra britânica dominava uma parte do Mediterrâneo, sem contestação possível. Essa parte do Mediterrâneo era, precisamente, a que mais interessava aos seus adversários para a condução das operações. Embora obrigada a abandonar parte das suas bases e a refugiar-se nos portos do Mediterrâneo Oriental, a esquadra da Grã-Bretanha operava com uma liberdade relativa de movimentos em todos os pontos onde a Luftwaffe não estabelecera absolutamente o seu predomínio.

Assim, a tarefa essencial de interromper as comunicações do inimigo realizava-a ela, com eficácia, na zona onde podiam actuar as suas unidades devidamente apoiadas. Mais singular era que a esquadra italiana não fizesse a sua aparição, para tentar uma prova de força que decidisse do domínio no Mediterrâneo. É certo que os golpes infligidos pelo almirante Cunningham a essa esquadra haviam diminuído a sua potência combativa. Isso não bastava, porém, para explicar a sua inactividade, quasi total, e a sua falta de iniciativa no sentido de perturbar os movimentos da esquadra britânica numa parte do Mediterrâneo Central e no Mediterrâneo Oriental.

Por outro lado, a actividade dos submarinos britânicos, na zona do Mediterrâneo, revelou-se, pela primeira vez, um factor decisivo na batalha dos abastecimentos e dos transportes. As comunicações, entre os portos do sul de Itália e da Grécia, e a zona onde se desenrolava a batalha, foram incessantemente afectadas por essa acção que depois não fez senão amplificar-se e que contribuiu, poderosamente, para que não saldasse, com prejuízos maiores para a causa britânica, o período extenso em que a aviação do Eixo pôde beneficiar da vantagem de utilizar os aeródromos e campos de aterragem da Europa meridional desde a Sicília até Creta.

### A R. A. F. NA BATALHA

A superioridade aérea assegurada pela R. A. F. no campo de batalha foi outro dos motivos justificativos da vitória britânica. Com ela colaboraram, activamente, forças aéreas da Austrália, da África do Sul e dos Franceses Livres, que realizaram uma tarefa de excelentes resultados, sob o ponto de vista técnico e sob o ponto de vista militar.

Foi sobretudo no primeiro destes aspectos que avultaram os resultados colhidos. Os alemães tinham demonstrado, desde a campanha da Polónia e sobretudo desde a campanha da França, como era perfeita a ligação entre as suas esquadilhas e as suas forças blindadas e a sua infantaria. Essa ligação constituía um dos segredos das suas vitórias iniciais. Ainda durante o avanço de Rommel fóra ela que se afirmara, mais uma vez, em grau elevado.

Durante a segunda ofensiva britânica na Líbia, os ingleses demonstraram, exuberantemente, que tinham sabido aproveitar das lições colhidas. A cooperação entre a arma aérea e as outras armas foi quasi perfeita e, embora não tivesse atingido o brilhantismo afirmado pela tática de cooperação alemã, revelou-se porventura mais eficaz e mais segura.

Mas, sobretudo, a comparação com as campanhas anteriormente conduzidas pelos ingleses, a mais recente das quais fóra a campanha da Grécia, revelava um progresso que prenunciava as mais prometedoras realizações no futuro. Este não fez, efectivamente, senão confirmar o que os peritos militares nessa altura puderam concluir da acção da R. A. F. e da cooperação estreita estabelecida entre esta e as forças que operavam em terra.

Estas forças, por sua vez, beneficiaram, em proporções reveladoras, das lições colhi-



Tedder e Cunningham, os dois cabos de guerra cibernaram e executaram o largo plano de ataque aéreo de tão impressionantes resultados para as forças de Rommel



De repente, soava uma voz de comando e, então, as forças blindadas entravam em acção. A guerra de surpresas era terrível, e não dava a ninguém um só momento de calma no terreno hostil norte-africano.

das. Os neo-zelandeses tinham aprendido, com sacrifícios enormes na Grécia e em Creta, o que significava a batalha sem um apoio aéreo suficientemente eficaz. Por isso, durante a segunda campanha da Líbia que acabamos de descrever, a sua actividade foi incomparavelmente mais proveitosa, graças ao auxílio efectivo que receberam dos «Hurricanes», dos «Beaufighters» e sobretudo dos «Tomahawks», que revelaram todas as suas excelentes qualidades por essa altura.

## OS ESTRAGOS PRODUZIDOS NA AVIAÇÃO INIMIGA

A tática consagrada pelos alemães, que repousava essencialmente sobre a acção dos seus aparelhos de voo a pique em cooperação com as suas divisões blindadas, não pôde exercer-se com a eficácia nem com a extensão reveladas em campanhas anteriores. Muitos daqueles aparelhos foram abatidos pelos aviões de combate britânicos, quando procuravam intervir na batalha. Ao mesmo tempo, os bombardeiros britânicos não limitaram a sua actividade ao ataque incessante às fontes de abastecimento e aos meios de comunicação do inimigo. Levaram-no até ao campo de batalha, actuando com grande eficácia e rapidez nos momentos em que ela atingia as suas fases culminantes ou decisivas.

Durante as seis semanas que a luta durou, a aviação britânica teve alguns dias particularmente brilhantes, pela natureza dos «récords» atingidos. Durante os primeiros cinco dias de luta, a R. A. F. destruiu 119 aparelhos inimigos, dos quais 51 foram destruídos em combates aéreos. Entre os aparelhos destruídos figuravam 36 Ju, 16 Me e 8 S. italianos, de fabrico recente e excelente modelo.

Na batalha aérea, que acompanhou o ataque a Sidi-Rezegh, em 25 de Novembro, foram igualmente abatidos vários aparelhos alemães. No dia 30, verificou-se uma outra batalha aérea sobre Bir-el-Gobi, com resultados idênticos. No dia 1 de Dezembro, novamente na zona de Sidi-Rezegh, a aviação britânica alcançou uma vitória assinalada. A luta para a posse de Gazala foi igualmente acompanhada duma intensa acção aérea que resultou em benefício claro dos ingleses.

Na fase final da batalha, uma incursão de aparelhos da R. A. F., na Tripolitânia, saldou-se pela destruição de algumas dezenas de aparelhos alemães que se encontravam pousados no solo, num dos mais importantes aeródromos que a Luftwaffe instalara no norte de África.

## TEDDER E CONINGHAM

Os bombardeiros britânicos desempenharam-se, com brilho, da tarefa que lhes fôra cometida. Como já tivemos ocasião de dizer, essa tarefa não se limitou a atacar as bases de abastecimento e as vias de comunicação que o inimigo utilizava em larga escala. A sua acção estendia-se ao longo da costa, até à cidade de Trípoli, atacando incessantemente os portos intermédios do litoral africano, Homs, Sirte, Misurata. As estradas, especialmente a estrada costeira, eram igualmente objecto da sua acção persistente e eficaz.

Mas, como dissemos, a actividade da aviação de bombardeamento britânica durante a segunda campanha da Líbia foi mais extensa e estendeu-se ao campo de batalha e às cidades que longe do litoral ofereciam para os alemães uma incontestável importância estratégica. Assim, as perdas suportadas por estes foram mais

sensíveis do que em qualquer outro empenhamento anterior em que tivessem participado ingleses e alemães.

Estes últimos perderam, no conjunto da campanha, cerca de 450 dos seus aviões de primeira linha que tinham concentrado em África, ou seja aproximadamente metade da Luftwaffe enviada para aquele continente. Esta percentagem era bastante elevada, e foi a verificação dos prejuízos sofridos uma das razões que levaram o general Rommel a acelerar a sua retirada até um ponto em que a extensão das linhas de comunicação britânicas quebrassem o ímpeto inicial da ofensiva.

Esta acção foi planeada e executada por dois chefes militares, que depois não deixaram de se distinguir durante toda a campanha de África e durante toda a acção desenvolvida na área do Mediterrâneo, o marechal do Ar, Artur Tedder, e o vice-marechal do Ar, Coningham, este último um neo-zelandês que se revelou rapidamente como um dos mais hábeis peritos da aeronáutica britânica. O primeiro é o autor do famoso tapete Tedder que decidiu da luta em África. Ambos contribuíram, poderosamente, para fazer da R. A. F., durante algum tempo, um dos melhores e dos mais eficazes instrumentos de combate que esta guerra tem revelado.

## O PAPEL DOS «TANKS» NA BATALHA

Um crítico militar escreveu, quando terminou a segunda campanha da Líbia, que aquele que conseguisse eliminar um dia as forças blindadas do adversário dominaria, completamente, o continente africano. Foi isso que efectivamente aconteceu mais tarde, um ano e meio mais tarde, quando Montgomery destruiu parte dos carros de Rommel e o resto destes foi destruído na Tunísia. Mas, no outono e no inverno de 1941, estavam os ingleses, então, lutando sózinhos, sem o auxílio total da produção americana e longe de poderem encerrar sequer essa perspectiva.

A superioridade qualitativa dos carros alemães ainda se afirmou no decurso da segunda campanha da Líbia, durante a qual o «Mark IV» deu excelentes provas. Nem a indústria britânica, nem mesmo a indústria americana ainda tinham produzido, nessa altura, um engenho que tivesse um tal poder de fogo e que fosse dotado de uma tal capacidade de manobra. Essa vantagem foi utilizada a fundo pelo general Rommel que, se não pôde extrair dela uma vitória militar, conseguiu utilizá-la com suficiente eficácia para impedir que a vitória do adversário fôsse devidamente explorada e prosseguida até às suas últimas consequências.

Mas a diferença que se registara em campanhas anteriores, entre as formações blindadas alemãs e britânicas, viu diminuir sensivelmente a sua margem de superioridade que, nessa altura, beneficiara as primeiras de maneira indiscutível. A indústria de guerra inglesa, e sobretudo a indústria de guerra americana, tinham feito progressos assinalados quanto à construção de carros e tudo indicava, depois da demonstração prática feita no campo de batalha, que não tardaria o momento em que a margem de superioridade que jogara a favor das formações blindadas alemãs mudaria de sinal. Esse facto verificou-se, como se sabe, quando os anglo-americanos levaram a cabo em África as operações decisivas que tiveram o seu epílogo na batalha vitoriosa da Tunísia, em Maio de

(Continua na pág. 30)



Composição: Mentolum 8 grs. - Methylum Salicylicum 8 grs. Lanolinum Anhydricum 16 grs.

**BAUME BENGUÊ**  
ANALGÉSICO  
GÔTA, REUMATISMOS  
E NEURALGIAS

Dr. BENGUÊ, Farmacêutico de 1ª classe  
pela Faculdade de Paris

**O mais antigo Analgésico  
de resultados seguros**

Um medicamento que deve existir em todas as casas.  
Alívio rápido, após a primeira aplicação.

A venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

Ouvir um *Luxor*  
é um sonho!

## U M D R A M A N O M A R

(Continuação da pág. 32)

O trágico espectáculo arrancou ao oficial uma exclamação apavorada:

— Que horror!...

E, voltando instintivo olhar ao camarote contíguo, o déle, notou num estremelecimento:

— Aqui! Tão perto de mim!...

Súbitamente apagou-se-lhe a voz. O companheiro enfrentava-o, trespassava-o com olhar duro, perfurante como ponta de aço aguçada:

— Sim, — disse, lentamente, — a vizinhança era perigosa... E o meu amigo, deploravelmente confiante...

O singular tom incisivo e intencional daquelas palavras provocou repentina e atrás explosão de suspirada no peito do oficial. Desvalizado arredou o homem, precipitou-se para o seu camarote, esvaziou febrilmente malas e gavetas, arrojou, desatinado, roupas e almofadas. Depois, como doido, levou as mãos à cabeça:

— Os planos! Os planos!...

— Estão aqui! — tranquilizou o homem com impressionante calma.

E, ao estender ao oficial o grande envelope fechado, escorriam-lhe do braço ferido dois pingos de sangue

que alastraram na brancura do papel como séios invioláveis...

\* \* \*

Na Europa, os jornais noticiaram, valorizando-o com emocionantes pormenores, o romântico fim de dois namorados, o «drama passionai» desenrolado a bordo dum navio em viagem de Calcutá para Rangoon...

AGUARDENTE VELHA  
*Niepoort*

SUISSE

*Mondia*

relógio

TITAN

SUISSE

DUAS MARCAS  
QUE MARCAM CERTO

CREME

*Eglon*

DE DIA  
DE NOITE  
PRODUTO  
VIREL

Cuide da sua  
Beleza

INSTITUTO VIREL

PACO

R. DA SAUDADE N.º 2 A

## P A P Y R U S

PAPYRUS — O melhor papel para escrever

PAPYRUS — O melhor papel para imprimir

PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito

PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.

PAPYRUS — Os melhores livros comerciais

PAPYRUS — Os melhores sobrescritos

PAPYRUS — O melhor papel para cartas

A venda nas Papelerias e Tipografias

Depósito geral:

Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)

Rua dos Correios, 70

LISBOA

End. telegráfico PAPIRO — Telefone 2 5854



FÁBULAS DO NOSSO TEMPO

## AS CRIADAS...

**F**ALA-SE muito mal das criadas, que são umas respondonas, que são isto, que são aquilo. Em contrapartida, as criadas queixam-se, dizem que também devem ter direito ao horário de trabalho (8 horas por cada dia e folga ao domingo e sábado inglês), o que nos parece de todo o direito.

Mas a questão entre criadas e patroas eterniza-se. Estava, portanto, indicado que se fôsse ouvir as duas partes interessadas. Perguntámos a uma patroa o que pensava das criadas. Resposta pronta:

— São mal educadas.

— Só isso?

— E umas ignorantes! Ainda ontem eu pedi à minha para me dar os sapatos, porque estava cheia de pressa para sair. Pois sabe o que ela me trouxe? Um sapato branco e outro preto! Perguntei se ela não sabia onde tinha a cabeça. A resposta foi esta: «O que hei-de fazer? O outro par que ficou debaixo da cama é igual a este... um preto, outro branco»...

E a patroa terminou as suas queixas com este desabafo:

— Ora diga-me lá se há direito?

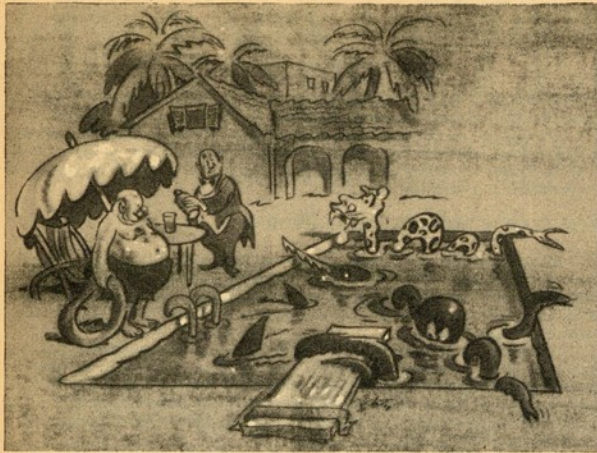
Fomos ouvir uma criada. Perguntámos:

— Porque se dá tão mal com a sua patroa? Sempre discussões, sempre brigas. Têm opiniões diferentes?

A criada sacudiu a cabeça:

— Pelo contrário! Tanto eu como a minha patroa temos a mesma opinião. Ela quer mandar em casa... e eu também...

Diante destas duas opiniões, apanhadas ao acaso, o leitor dirá quem tem razão...



«Júlio, há quanto tempo é que não mudas a água da piscina?»

## MISCELÂNEA

## RECLAMAÇÃO

### BOA IDEIA...

O professor — O seu pequeno não vai mal, excepto em geografia, onde está atrazadíssimo.

O pai — Não faz mal. Como a gente não tem dinheiro para viajar!

### NATURALMENTE...

— Então o senhor é contra a construção de prédios altos?

— Sim, senhor. Não vê que sou carteiro!...

### RAZÃO DE PESO

O juiz — Porque entrou no palacete pelas janelas do rés-do-chão?

O preso — Saiba o senhor juiz que já não estou em idade de me aventurar pelas janelas dos andares superiores...

### CARINHO DE ESPÓSA

«Escrevo-te porque não tenho nada que fazer. E concluiu esta carta, porque não tenho nada para te dizer».

### NO ESCRITÓRIO

O patrão — Então o senhor quer o ordenado de dois meses, adiantado? Arrisco muito, não acha? Suportamos que o senhor morra esta semana. Terece já um bom dinheiro, não é verdade?

O caixeiro — O senhor engana-se. Posso ser pobre, mas sou honesto!



— O senhor não me garantiu que as luvas que comprei duravam pelo menos dois anos?

— Sim...

— Pois perdia-as oito dias depois de as ter comprado!

## DA HISTÓRIA

### CASAMENTO PERFEITO

**A** FONSO X, rei de Castela (1252-1284), costumava dizer o seguinte:

... que um casamento seja perfeito é necessário que a mulher seja cega e o marido surdo...

### RESISTENCIA DE ORADOR

Clemenceau assistia a uma sessão no Senado, em que um dos senadores falava havia cerca de duas horas, sem parar.

— Descanse um momento — disse-lhe, discretamente, um colega ao lado.

— Não, — respondeu o orador — Não estou cansado.

— Então deixe-nos ao menos descansar — exclamou Clemenceau em voz alta.

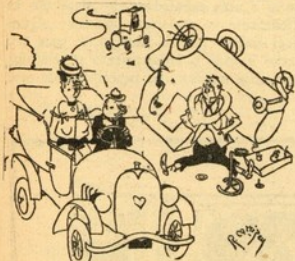
### OBEDIENCIA

O pintor Luís Forain era inimigo de uma novidade da época — o telefone — enquanto Dezas se mostrava um entusiasta, tendo montado um aparelho em sua casa.

Forain não podia compreender «aquilo» e dizia com entusiasmo:

— Imaginem que o chamam com uma campainha... e ele atende.

## NÃO VALIA A PENA



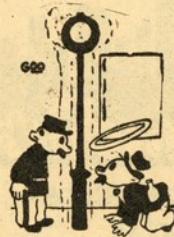
— Precisa de alguma ajuda?  
— Eu?! Para quê?...

## EXPERIENCIA



— Oh, foi o empregado que quis demonstrar a macieza do colchão e deixou-se dormir...

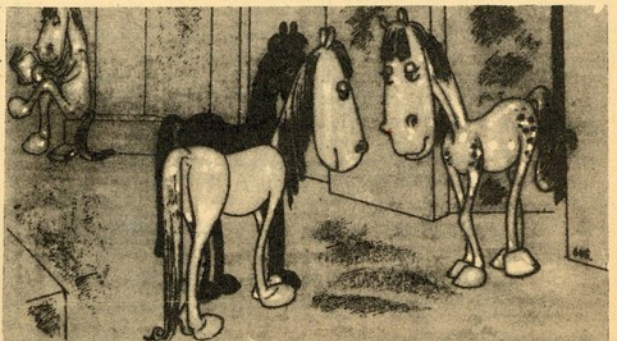
## PRECAUÇÃO



— Que está aí a fazer?  
— Oh, senhores guardas, podem ajudar-me a passar entre estes candeeiros?...



— Está a treinar-se a ser conduzido pelo seu gato... por causa dos exercícios da defesa anti-aérea...



DEPOIS DO EXAME:

— Então, como foi isso?

— Chumbetei. Não sabia a data da morte do cavalo de Carlos Magno.

# HISTÓRIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 27)

1943. Os indícios eram, porém, já extremamente favoráveis para os anglo-americanos quando terminou a segunda campanha da Líbia, no inverno de 1941.

Durante os combates, a infantaria britânica revelou-se bastante superior ao adversário, sobretudo no manejo da baioneta, para o qual os soldados do «Afrika Korps» revelaram um adiestramento insuficiente e em que os indianos e neo-zelandeses se distinguiram.

## RESULTADOS TÁCTICOS E ESTRATÉGICOS

Ao desencadear a sua ofensiva, o general Auchinleck tinha, como dissemos, um objectivo fundamental: destruir as forças do adversário, especialmente as suas forças blindadas. Esse objectivo estratégico não foi, como vimos, alcançado e foi esse malogro que fez com que a campanha de África se prolongasse ainda durante um ano e meio.

A experiência demonstrara, com a evolução da primeira campanha da Líbia, que num teatro de operações excêntrico, como a Líbia, o transporte de abastecimentos e de equipamentos se fazia com dificuldade extremas para ambos os beligerantes. É certo que as potências do Eixo gosavam do benefício inestimável de usarem linhas de comunicação interiores, o que facilitava extraordinariamente a tarefa do seu Estado Maior.

Mesmo assim, as demoras e as perdas inevitáveis eram em quantidade suficiente para tornar impossível uma recuperação rápida, quando a derrota liquidava o esforço dos combatentes. Esta verdade applicava-se, indistintamente, a ingleses e alemães, embora em escala maior aos primeiros. Eles utilizavam, efectivamente, a rota do Cabo para fazerem chegar ao Egito tudo o que era necessário para alimentarem a sua máquina de guerra. As distâncias a cobrir pela sua navegação eram enormes, e uma grande parte dos percursos a percorrer estava na zona de acção dos submarinos inimigos.

No inverno de 1941 a metrópole britânica era o único verdadeiro centro de abastecimento de que o Império dispunha para alimentar os seus exércitos espalhados pelo mundo, pois era apenas nela que existia uma indústria de guerra digna deste nome e era a ela que chegava o reforço americano, já nessa altura prestado ao abrigo da lei de Empréstimo e Arrendamento. Era da metrópole britânica que irradiavam, portanto, os elementos que deviam assegurar, não apenas a defesa das várias parcelas do Império, mas também a própria segurança das rotas imperiais.

A rota do Mediterrâneo fôra fechada pela Luftwaffe aos ingleses. A sua linha de posições estratégicas escalonadas, Gibraltar, Malta, Chipre, mostraram-se incapazes de assegurar o seu funcionamento normal. Os factos demonstravam em parte, mas apenas em parte, o fundamento da estratégia concebida pelas potências do Eixo ao dar um largo crédito de confiança à arma aérea para aniquilar o Império britânico.

O estreito da Sicília, adaptado pelos italianos às exigências da guerra, revelara-se um obstáculo intransponível para os ingleses. Mas essa deficiência original e aparentemente irremediável, puderam eles removê-la com um esforço persistente de organização da via do Cabo e dos caminhos de ferro trans-africanos. Esta réplica britânica, de cujo êxito dependiam a estabilidade e a segurança do Império só podia ser executada com êxito desde que a União Sul Africana assegurasse ao esforço de guerra imperial um concurso sem desfalecimentos. Esse concurso verificou-se, durante a segunda, como se verificara durante a primeira campanha da Líbia.

A Grã-Bretanha fez, com a segunda campanha da Líbia a demonstração prática de que lhe fôra possível remover os dois obstáculos principais que se opunham a que ela desenvolvesse, nos campos de batalha, uma acção correspondente às suas tradições militares e à sua importância política. Esses obstáculos eram a insuficiência do seu rearmamento (indústria de guerra e formação dum exército) e a necessidade de utilizar extensas e arriscadas linhas de comunicação.

A aviação e os carros que a Grã-Bretanha apresentou no inverno de 1941 revelavam um progresso incontestável sobre a qualidade anterior da sua produção de guerra. As tropas que tomaram parte na acção mostraram um grau de adiestramento no manejo das armas modernas e uma capacidade de adaptação às exigências da guerra motorizada que dificilmente se poderiam conceber algum tempo antes. Finalmente os navios britânicos tinham podido transportar para um campo de batalha excêntrico todo o material e todo o equipamento necessários para conduzir uma batalha de grande estilo contra um inimigo superiormente preparado e adestrado.

(CONTINUA)



**Atenção!**  
*V. Ex.ª deseja uma boa gravura?*

FIXE BEM ÊSTE NOME:  
**BERTRAND**  
 I R M Ã O S , L . D A  
 OS MAIORES ATELIERES GRÁFICOS DO PAÍS

Executam com a máxima perfeição todos os trabalhos de Fotografavura, Tipografia, Offset e Desenho  
 Travessa da Condessa do Rio, 27 — LISBOA — Telefones P.B.X. 2 1227 - 2 1368



**...Aqui América**

## EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
12,45	WRUS	30,9	WRUA	25,4	WKLJ	30,8		
13,45	WRUS	19,8	WRUA	19,8	WGEO	19,5		
14,45	WKUS	25,5	WRUA	25,5	WRUW	25,5	WBOS	19,7
17,45	WRUS	19,5	WRUA	19,5	WRUL	19,5		
18,45	WRUS	19,5	WRUA	19,5	WRUL	19,5		
19,45	WRUS	19,5	WRUA	26,9				
20,45	WRUS	25,3	WRUA	25,3	WGEO	25,3	WGEX	25,4
			(Meia hora de programa especial)					
21,15								
21,45	WRUS	25,3	WRUA	25,3	WGEO	19,5	WGEX	25,4
22,45	WRUS	25,5	WRUA	39,6	WRUL	25,5	WKLJ	30,8
23,45	WRUS	25,5	WRUA	39,6	WKLJ	30,8		

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 19,45 às 20.

## EMISSÕES DIÁRIAS

**OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA**



PASTA ANTISÉPTICA  
**Sanex**  
 ANTISÉPTICA

**UMA GOTA DE «HERPETOL»**  
 e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

**«HERPETOL»**  
 é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardores na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drogas  
 Preço avulso: 11\$00



# ★ PASSATEMPO ★

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

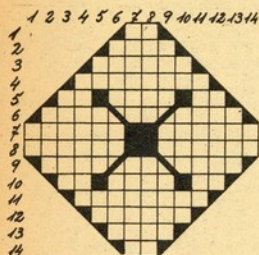
TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA A R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

## PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 26

Por Jorge Elói Martins  
(Lisboa)



ENUNCIADO

**HORIZONTAIS:** 1 — Preposição. 2 — Pronome possessivo. 3 — Fôlhas da videira. 4 — Que tem movimento (pl.). 5 — Graceja; mantos; artigo (antigo). 6 — Nome de mulher; aparência; semente de uma planta umbelífera. 7 — Espada curta; profunda. 8 — Surpreendo; reduzir ao estado de inanção. 9 — Algarismo; neste lugar; altar de sacrificios (pl.). 10 — Bispado; planta umbelada, empregada para temperos; tudo o mais. 11 — Cidade portuguesa. 12 — Apelido. 13 — Fechas as asas para caíres sobre a presa com maior velocidade. 14 — Nota musical.

**VERTICAIS:** 1 — Aquil. 2 — Réptil batráquio ranídeo. 3 — Críticos. 4 — Miradoiros. 5 — Cosa insignificante; cordeiro muito novo; artigo definido (pl.). 6 — Habilidade; união da preposição a com o artigo definido o; aniversário. 7 — Uma das cinco partes do mundo; chamais a juízo. 8 — Deparar; tirar apara a. 9 — Custas; nesse lugar; suplicas. 10 — Apenas; antiga medida de três palmos; pertences. 11 — Assentaram. 12 — Relativo ao baço. 13 — Tens êxito. 14 — Evaporar-se.

Este problema teve a adopção do «Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa», de José C. Antunes Coimbra.

PROBLEMA N.º 25

Solução

**HORIZONTAIS:** 1 — Cassia. 2 — Razia; oras. 3 — Sósia; árido. 4 — Atar; asma; Dago. 5 — Dar; arca; aéreo. 6 — Dor; aduare. 7 — Via.

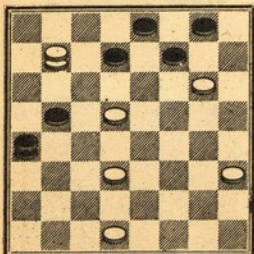
**VERTICAIS:** 1 — Casado. 2 — Azotar. 3 — Sisar. 4 — Sair, ri. 5 — Adá. 6 — Ao; aru. 7 — Rasca. 8 — Arma. 9 — Sia. 10 — As. 11 — Ode. 12 — Aro. 13 — Gé. 14 — Oo.

## DAMAS

PROBLEMA N.º 24 (Concurso)

Por José Simões  
(Caldas da Rainha)

(Dedicado a Artur Ferreira Santos, de Lisboa)

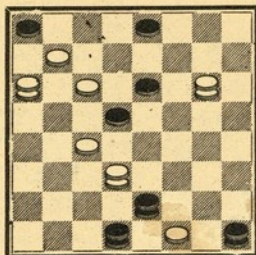


Jogem as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 25 (Concurso)

Por António Eduardo Igrejas  
(Melgaço)

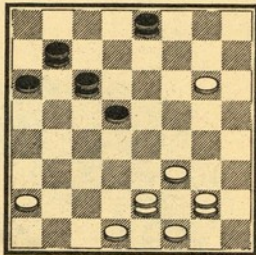
(Dedicado a Abílio Amaral, de Gaia)



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 26 (Concurso)

Por José Cândido de Araújo  
Azevedo  
(Melgaço)



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 22 (Concurso)

(Solução)

6-11 11-15 4-7 14-23-32

16-3 17-10 3-12-19 30-23

32-19-26-17-6

ganham.

P.

PROBLEMA N.º 23 (Concurso)

Solução

22-27 2-5 5-10 10-26

31-22 11-2 2-20-27 30-21

13-31

ganham.

P.

FINAL DE JOGO N.º 10 (Solução)

1.ª hipótese

20-23 23-28 16-23 23-32

10-5 31-24 5-1 24-20

2-24

ganham.

9-5

2.ª hipótese

20-23 2-9 9-22 22-19, ga-  
9-5 10-6 6-3

nham, pois se 3-6, B. 23-28 e 19-15;  
e se 3-13 (ou 17), B. 19-22 (ou 26).

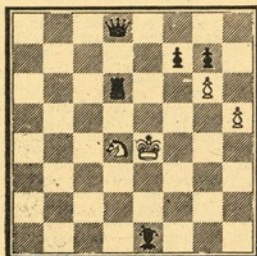
3.ª hipótese

20-23 2-24  
10-6 9-5 23-28 ganham.

## XADREZ

ESTUDO

Por V. de Barbieri



Jogam as brancas e empatam.

MOMENTO CRÍTICO N.º 10

Solução

Partida Siveri-Napolitano: 1...;  
D7T! e ganham.

## CORRESPONDÊNCIA

António José Loureiro (Póvoa do Varzim) — Nada tem que agradecer. Pregunte sempre.

Fernando de Aragão (Lisboa) — O desenho dos problemas de Palavras Cruzadas tem que ser feito a tinta da China preta. É favor enviar-me morada.

Luís António David (Lisboa) — Não recebi os problemas que me prometeu.

Dr. Carlos R. Lafora (Canárias) — Não recebi o «Papiro» nem qualquer outro jornal espanhol. Aguardo breves notícias.

Albino Pais (Nelas) — Ainda não me mandou dizer como falar ao «damista» de Viseu que veio para Lisboa.

B. Oliveira Aguiar (Carvalhos — Gaia) — Num dos próximos números é publicado o outro seu problema.

## Outras 3 do Ventura Por ZÉCO



— Fiz todo o possível para te trazer um ma-  
caquinho mas o capitão do navio não me auto-  
rizou.

— Deixa lá, querido. Que mais preciso se te  
tenho a ti?



— Como não tenho trôco, o senhor Ventura  
paga-me amanhã...

— E se eu morrer hoje?

— Não tem importância, a perda não é assim  
tão grande...



— Sim, minha senhora, o seu mal não é  
grave. Precisa de muito descanso.

— Mas, doutor, veja-me a língua!...

— Também precisa de descanso!...



# Um drama no mar

CONTO DE HELENA DE ARAGÃO • DESENHO DE RUDY

O bafo da noite tropical amansara as brazas do mar.

Do alto, calam chapadas de prata na superfície das águas. Ondas górdas, longas, morosas, estendiam-se em coleamentos preguiçosos na frente do navio, como a desdobrarem-lhe a passagem da pròa maciezas de tapetare.

Vagaroso, o oficial deu mais uma volta pelo «deck», a deambular na mornidão ambiente a indolência do corpo ou a distrair o espírito da observação teimosa. Depois, tornou atrás, passou novamente pela porta do camarote da mulher loira, demorou o olhar no pequeno retângulo fechado, como se quisesse trespassá-lo para surpreender lá dentro a formosa passageira adormecida. E seguiu, a passo lento; foi mais longe, até ao «deck» de bordo, — talvez para interpor entre o pensamento e a visão fascinadora, o esqueleto bruto do navio. Ali, encostou-se no parapeto, a fumar um cigarro e tentou rumar a imaginação para outro assunto.

Baldado empenho. A figura esbelta da estrangeira passava-lhe diante dos olhos, sobrepuñha-se à vastidão do mar, à extensão infinita do céu onde a lua recortava enorme balão de luz.

Ninguém lhe falara dela. Nem ele mesmo dera pela sua presença...

E era-lhe vizinha de camarote!... Dormia ao lado do seu beliche!...  
Ao embarcar, em Calcutá, soubera que vinha uma mulher a bordo. Mais nada. Se era nova ou velha, feia ou bonita, ninguém lho dissera, nem ele tão pouco o averiguara. Que lhe importava?...

Uma mulher viajando só, por tão recuados recantos do mundo, num barco sem luxo... Devia ser pouco interessante...

«Alguma «traca» «miss» distraído o «spleen» excêntrico... — pensara. — Bem fizera ela em não apresentar na sala de jantar a figura esgouviada! Ao menos, naquelas fastidiosas horas de viagem, bem monótona, por sinal, fóra-lhe poupado mais um aborrecimento! Farto de múmias de museu vinha ele!

Mas agora que a vira abelrada no «deck», que lhe sentira o flúido perturbante das pupilas glaucas a envolvê-lo numa teia de sedução quando lhe passára tão perto que o fólio do vestido branco lhe roçara a calça, lamentava o retraimento da bela passageira. Se a tivesse conhecido mais cedo!...

Aquela idéa, a imaginação do móço oficial partiu a galope estrada da fantasia em fora. «Se a tivesse conhecido mais cedo, seriam já bons amigos... «Bons amigos»? Apenas?... Ela devia ser encantadora... espiritual... Talvez tivessem já esboçado, juntos, um delicioso romance...

—Estou parvo! — exclamou, dando conta do absurdo. E, num arremêso impaciente, tirou o cigarro ao mar para de novo se encostar no parapeto do «deck», bem decidido a varrer da mente «aquêlê disparate».

Mas a obsessão persistia. O silêncio da noite era propício ao devaneio; e no peito do móço oficial a esperança ensalava fanfarras de entusiasmaso.

E que, ao passar junto dêle, a bela estrangeira correspondera-lhe ao cumprimento galante com animador sorriso, a sublinhar graciosamente o olhar que o entontecera...

— Irá à mesa do almoço?... — perguntou a si mesmo, numa palpação alvorçada.

O coração, esperançado, dizia-lhe que sim, que «ela» romperia o isolamento em que se confinara... E que o faria só por êle... Para lhe dar prazer... Talvez, até, se sentasse à sua mesa, no lugar fronteiro...

— Que pena estar tão próximo o fim da viagem!... — deplorou.

Repentinamente, em golpe rude, frechou-o a lembrança da missão que o levava tão longe, sentiu reavivado na consciência o sentimento da terrível responsabilidade que lhe pesava nos ombros e de que só se libertaria no fim da viagem...

O «fim da viagem»... Tanto o desejava; e agora quanto lhe seria grato poder adlá-lo!...

— Que penal... — repetiu.

Entretanto, a noite avançara; céu e mar harmonizavam a serenidade do luar com a dolência branda das vagas. Em todo o navio, como na imensidade envolvente, reinava si-

lêncio de mistério. Apenas, das profundezas do grande bójo flutuante, subiam rumores confusos dos maquinismos trepidantes e da falácia dos homens da tripulação reunidos lá em baixo.

Agora, através da poalha laurentia, lá muito ao longe, principiava a desenharem-se um friso sinuoso que seccionava o horizonte.

Os olhos do oficial prenderam-se na longínqua linha de terra esfumada em tenuidades distantes.

— Rangem... Já!... — murmurou, desolado, ao surpreender aquêlê primeiro anúncio de que a viagem lá findar — de que ia acabar o sonho que mal sonhára!...

Suspirou, mas um sobressalto impediu-o de revinciar a deploração.

Em corrida desatinada, um vulto irrompia no «deck», quasi derrubava o oficial com brutal empurrão, gálvava o parapeto e precipitava-se no mar que o engulia num redemoinho de águas agitadas.

Foi tudo tão rápido que o oficial, atônito, nem esboçou um gesto para deter o tresloucado. Quedou um instante tolhido de espanto, mas logo o próprio horror o trouxe à consciência da tragédia. Quis acudir ao desgraçado que, mais longe, emergia em luta com as vagas. Ia gritar, alarmar o barco entorpecido. Não pôde. Subitamente, mão firme tapava-lhe a boca ao mesmo tempo que uma voz abafada, mas imperativa, lhe sibilava junto do ouvido:

— Cale-se!

Num repêllo, resistiu à violência, desembaraçou-se da mordança e, furioso, ia castigar quem tão abusivamente pretendia dominá-lo, quando a estupefação o imobilizou. Debruçado para êle, a contê-lo com pulso de ferro, deparava-se-lhe um homem em cujo rosto

o luar batia de chapa, a desvelar-lhe a face enérgica e o brilho acurado, hipnotizante das pupilas imperiosas. Se não tivesse a certeza de não existir a bordo outro corpanzil de bonzo, outra cara bonacheirona, outra figura inconfundivelmente banal, enfim, como a do seu vizinho de mesa. — o fastídioso negociante de gado argentino que, durante o jantar, o aborrecera com o interminável desfiar de anedotas decoradas e de facécias sem espírito, — juraria não ser o mesmo que all estava agora diante dos seus olhos espantados. Como poderia reconhecer naquêlê homem de bem vincada expressão inteligente e forte, o «pobre-diabo» tólo e endinheirado?

A metamorfose era desconcertante, mas o oficial não se demorou em confrontos. Ao longe, o «soutro» ora surgia à superfície das ondas, ora se submergia em mergulhos cada vez mais prolongados.

— O homem afoga-se! — gritou, aflito. — E preciso ac dir-lhe!

— Cale-se! — repetiu o outro, autoritário, sem perder a calma, em tom de quem costuma ser obedecido. E logo acrescentou:

— E melhor assim.

Aquela singular atitude revoltou o oficial. Como no «deck» de estibordo se levantava agora rumor de alarme, quis atrair a atenção da gente que, desorientada, acorria dum e doutro lado.

O outro, porém, adivinhou-lhe o intento e, a combater-lho, apontando o vulto que, num último arranco de luta, desaparecia definitivamente nas águas revoltas em torvelinho, comunicou:

— Ele matou-a...

Brusco estremeamento sacudiu o oficial, afiada garra de aflição apertou-lhe a garganta.

— Matou-a?... Quem? — articulou, ansiado.

— À «ela»... À mulher loira...

À inesperada notícia estarreceu o oficial, quebrantou-lhe em passo apavorado os assômos de resistência que ainda tentava opôr

à pressão imobilizante a que o homem o sujeitava.

— Eram ambos espíões... — revelou êste, alaçando a cadeia dos dedos. — Vinham no encaço da mesma presa... Um devia vencer o outro... Ela apoderou-se primeiro do que ambos buscavam... Ele deixou-a agir... No final, pertencer-lhe-ia a vitória!... Ela não se iludiu, viu o perigo. Sabia o que a esperava se não fosse a mais forte: uma punhalada traçoelra... uma visita definitiva ao fundo do mar... Ou mataria, ou seria morta... Astuta, felina, atrau o «soutro»...

Calou-se um instante, deu liberdade ao braço do oficial; depois comitou, sombrio:

— E dizem que os lobos não se devoram uns aos outros!...

No lado oposto do «deck», o borborinho crescia, tomava proporções de tumulto. O homem, no entanto, não mostrou prestar-lhe atenção e continuou:

— O que se passou entre aquelas duas feiras, dentro dos quatro palmos do camarote fechado?... Eu estava perto, bem atento... Mas nem um murmúrio, nem um rumor de luta ouvi. Esperava... Um dos dois devia sair. Por fim, a porta abriu-se, cautelosa... O homem espertou... Ia fugir... Caiu em cima, derrubi-o... Lutámos bravamente... Feri-me. Mas não levou a melhor! E quando se viu perdido, atirou-se ao mar... Contava, decerto, escapar a nado... Dall não há mais a recar...

Num movimento vivo, tomou o braço do oficial, que não lhe resistiu, e acrescentou:

— Quanto a «ela»... Venha ver...

Dobraram a rotunda do «deck». A porta do camarote ocupado pela bela estrangeira, os poucos passageiros e os homens da tripulação comprimiam-se, apavorados. No retângulo escancarado, enquadrava-se a desordem de malas e gavetas devassadas, de roupas amarrotadas, dispersas no chão, e, ao fundo, alongado no beliche, destacando-se na brançura dos lençóis desalinados, enodoados de sangue, o vulto esbelto, inanimado, da formosa desconhecida, que repousava na almofada a linda cabeça de maravilhosos cabelos de oiro fulvo...

(Continua na pág. 28)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSE CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA — TEL. P. B. X. — 2584